



**Universidade Federal do Rio de Janeiro**  
**Faculdade de Letras**  
**Programa de Pós-Graduação em Linguística**

**ÀS MARGENS DE BACAMARTE E DEUS: MECANISMOS DISCURSIVOS DE  
CONTROLE SOCIAL EM DIÁLOGOS INTERFICIONAIS**

**JEAN IGNACIO LIMA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro como quesito para a obtenção do Título de Mestre em Linguística

Orientador: Profa. Dra. Tania Conceição Clemente de Souza

Rio de Janeiro

Janeiro/2023

ÀS MARGENS DE BACAMARTE E DEUS: MECANISMOS DISCURSIVOS DE  
CONTROLE SOCIAL EM DIÁLOGOS INTERFICIONAIS

JEAN IGNACIO LIMA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-  
Graduação em Lingüística da Universidade Federal do Rio de  
Janeiro como quesito para a obtenção do Título de Mestre em  
Lingüística

Orientador: Profa. Dra. Tania Conceição Clemente de Souza

Linha de pesquisa: Modelos Funcionais Baseados no Uso

Janeiro de 2023

## CIP - Catalogação na Publicação

L732? Lima, Jean Ignacio  
Às margens de Bacamarte e Deus: mecanismos  
discursivos de controle social em diálogos  
interficcionais / Jean Ignacio Lima. -- Rio de  
Janeiro, 2023.  
91 f.

Orientador: Tania Conceição Clemente de Souza .  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do  
Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós  
Graduação em Linguística, 2023.

1. Análise do Discurso. I. Souza , Tania  
Conceição Clemente de , orient. II. Título.



**Universidade Federal do Rio de Janeiro**  
**Faculdade de Letras**  
**Programa de Pós-Graduação em Linguística**

ÀS MARGENS DE BACAMARTE E DEUS: MECANISMOS DISCURSIVOS DE  
CONTROLE SOCIAL EM DIÁLOGOS INTERFICIONAIS

JEAN IGNACIO LIMA


Orientadora: Profa. Dra. Tania Conceição Clemente de Souza

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Examinada por:



Presidente, Profa. Dra. Tania Conceição Clemente de Souza (MN/PPG Linguística – UFRJ)



Profa. Dra. Angela Corrêa Ferreira Baalbaki (Instituto de Letras/UERJ)



Prof. Dr. Lucas do Nascimento (Museu Nacional)

Prof. Dr. Evandro de Sousa Bonfim (Museu Nacional), Suplente

Profa. Dra. Lia Abrantes Antunes Soares (PPG Linguística – UFRJ), Suplente

## **DEDICATÓRIA**

Para a Luna, a lua com quem eu já conversava.

## AGRADECIMENTOS

Não me recordo de ciclos que comecei ou encerrei sozinho. Isso me faz pensar que estamos condicionados a interações com o outro e, das melhores, formam-se o que há de mais valioso no mundo: afetos que nos envolvem em laços no curso da vida. Com afetos, deixo minha gratidão aos laços neste percurso de dois anos.

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo apoio financeiro durante o curso e a produção da pesquisa. Certamente, a contribuição financeira ao longo do curso me possibilitou desenvolver a pesquisa tranquilamente e com dedicação total.

À minha orientadora, Tania Clemente, por, inicialmente, ter acreditado em mim e no meu trabalho sem mesmo me conhecer. Sou grato a esse voto de confiança que me foi dado e também à oportunidade de ter aprendido tanto com ela nessa jornada. Sempre a terei com muito carinho.

Aos professores doutores Angela Baalbaki e Lucas do Nascimento por aceitarem avaliar esta dissertação e por toda contribuição durante o mestrado. Agradeço, especialmente, à professora Angela Baalbaki por contribuir desde o início da pesquisa com indicações de leituras e apontamentos que me levaram a caminhos melhores.

À minha mãe e ao meu padrasto por todo apoio que me deram desde o início da minha vida acadêmica. Sem eles, nada disso seria possível.

Aos meus irmãos Allan, Jamille e Jéssica, por todo apoio desde sempre. Eles me fazem querer ser melhor a cada dia. Agradeço por me motivarem. Agora, tenho mais uma motivação sendo titio da Luna, presente que a Jéssica nos deu.

Às minhas grandes amigas da graduação Ester Nogueira e Bela Maiara por dividirem vitórias e derrotas ao meu lado desde 2015. Minha gratidão por sempre acreditarem em mim, mesmo quando eu não acreditava.

Às minhas queridas amigas Vicelina Mathias e Olga Mariah, presentes que ganhei da especialização em Língua Portuguesa na UERJ. Agradeço por tudo. Elas são presentes e, ao mesmo tempo, marcam uma memória especial desse lugar onde pude crescer tanto pessoal e profissionalmente.

À Jackyelle Firmino e à Esthefane Dias, que foram meu feliz encontro nesta vida, irmãs de alma com quem venho compartilhando momentos. Sou grato à vida por cruzar nossos caminhos, pois eu não sabia o quão necessárias elas seriam até tê-las em minha vida.

Como todo ciclo nos marca, também agradeço por dois laços que pude estabelecer durante o curso. Agradeço à Alissa de Sá e à Gabriela Ribeiro, amigas com as quais pude contar em momentos difíceis na minha vida pessoal e profissional. Trouxeram-me alguma paz quando estive em meio ao caos. Sou grato por, hoje, tê-las como amigas e companheiras acadêmicas.

Também reconheço meu esforço e trabalho, por isso, deixo ao meu “eu leitor” alguns parabéns por passar por tanta coisa sem ter desistido (com a ajuda de muitos chás e florais). Você é forte. Quando duvidar, lembre-se disso.

Chego devagar, mas sempre acompanhado. Gratidão a todos que participaram direta e indiretamente neste percurso.

Eu sou esperta, você é burra;  
Eu sou grande, você é pequena;  
Eu estou certa, você está errada,  
E não tem nada que você possa fazer a respeito disso  
– Agatha Trunchbull em *Matilda* (1996).



## RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo analisar os mecanismos discursivos como meios de controle social em diálogos interficcionais, considerando as obras *O alienista* de Machado de Assis (2019) e *A Casa* de Chico Felitti (2020). A discussão apresentada neste escrito busca demonstrar como sujeitos influentes (Simão Bacamarte e João de Deus) movimentam e controlam os demais a partir de suas posições em formações discursivas e ideológicas dominantes. Buscaram-se, portanto, caminhos que guiassem a possibilidade de investigar o que Pêcheux (1990) intitula de acontecimento discursivo, na perspectiva de um encontro de uma memória com uma atualidade – explorando a possibilidade de deslizamento de sentido entre esses homens e uma interpelação que os metaforiza em um só sujeito. A base teórica adotada para análise segue os pressupostos da Análise do Discurso de escola francesa, bem como as considerações sobre discurso em Foucault (2014) e sobre a análise do não verbal com o conceito de Policromia em Souza (1998 e outros). Com efeito, são analisados enunciados entre Simão Bacamarte e sua esposa Evarista na ficção, o relato de Ana concedido ao livro-reportagem *A Casa* (2020) na não ficção, além de fotos de João de Deus e Simão Bacamarte a fim de evidenciar o político e os efeitos de sentido sobre o não verbal. As análises consideraram uma relação possível de semelhança entre os sujeitos e as formas de controle nas inter-relações de Simão Bacamarte e de João de Deus. Identificaram-se mecanismos que lhes atribuem poder nas relações discursivas, sendo o imaginário um dos principais operadores discursivos na manutenção do controle social.

**Palavras-chave:** Linguagem; Discurso; Poder

## ABSTRACT

This work aims to analyze discursive mechanisms of social control in interfictional dialogues, considering the works *O alienista* by Machado de Assis (2019) and *A Casa* by Chico Felitti (2020). The discussion presented in this paper seeks to demonstrate how influential individuals (Simão Bacamarte and João de Deus) move and control others from their positions in dominant discursive and ideological formations. Therefore, paths were sought to guide the possibility of investigating what Pêcheux (1990) calls discursive event, from the perspective of a meeting of a memory with a present day - exploring the possibility of a sliding of meaning between these men and an interpellation that metaphorizes them into a single subject. The theoretical basis adopted for the analysis follows the assumptions of the French School's Discourse Analysis, as well as the considerations on discourse in Foucault (2014) and on the analysis of the non-verbal with the concept of Policromia in Souza (1998 and others). In fact, statements between Simão Bacamarte and his wife Evarista in fiction, Ana's account given to the book-report *A Casa* (2020) in non-fiction are analyzed, as well as images of João de Deus and Simão Bacamarte in order to highlight the political and the effects of meaning on the non-verbal. The analyzes considered a possible relationship of similarity between the subjects and the forms of control in the interrelationships of Simão Bacamarte and João de Deus. Mechanisms that give them power in discursive relationships were identified, with the imaginary being one of the main discursive operators in the maintenance of social control.

**Keywords:** Language; Discourse; Power

## LISTA DE SEQUÊNCIAS DISCURSIVAS DIGITALIZADAS (SDD) E ILUSTRAÇÕES

<b>SDD 1: Necessidade médica em Itaguaí.....</b>	<b>38</b>
<b>SDD 2: Diálogo entre Bacamarte, Dona Evarista, o Padre e o convencimento de Bacamarte.....</b>	<b>39</b>
<b>SDD 3: Relato de Clodoaldo Turcato.....</b>	<b>41</b>
<b>SDD 4: Relato de Clodoaldo Turcato.....</b>	<b>42</b>
<b>SDD 5: Relato de Clodoaldo Turcato.....</b>	<b>43</b>
<b>SDD 6: Relato de Clodoaldo Turcato.....</b>	<b>44</b>
<b>SDD 7: crença e diagnóstico do louco.....</b>	<b>52</b>
<b>SDD 8: crença e diagnóstico do louco.....</b>	<b>53</b>
<b>SDD 9: crença e diagnóstico do louco.....</b>	<b>54</b>
<b>SDD 10: efeito dano (Evarista).....</b>	<b>56</b>
<b>SDD 11: relato da vítima Ana.....</b>	<b>57</b>
<b>SDD 12: Efeito dano (Ana).....</b>	<b>58</b>
<b>SDD 13: Efeito dano (Ana).....</b>	<b>59</b>
<b>SDD 14: Efeito dano (Ana).....</b>	<b>60</b>
<b>Figura 15: “cirurgia”.....</b>	<b>63</b>
<b>Figura 16: “cirurgia”.....</b>	<b>67</b>
<b>Figura 17: “cirurgia”.....</b>	<b>68</b>
<b>Figura 18: sala de espera.....</b>	<b>71</b>
<b>Figura 19: O fim de Bacamarte.....</b>	<b>74</b>
<b>Figura 20: O fim de Deus.....</b>	<b>74</b>

## LISTA DE QUADROS E TABELAS

<b>Quadro 1: Condições de produção do discurso.....</b>	<b>29</b>
<b>Quadro 2: enunciados da ficção.....</b>	<b>46</b>
<b>Quadro 3: correspondência linguístico-discursiva (ficção).....</b>	<b>48</b>
<b>Quadro 4: correspondência dos efeitos de sentido (ficção).....</b>	<b>48</b>
<b>Quadro 5: enunciados da não ficção.....</b>	<b>49</b>
<b>Quadro 6: correspondência linguístico-discursiva (não ficção).....</b>	<b>50</b>
<b>Quadro 7: correspondência dos efeitos de sentido (não ficção).....</b>	<b>50</b>
<b>Quadro 8: efeito dano (ficção).....</b>	<b>56</b>
<b>Quadro 9: efeito dano (não ficção).....</b>	<b>62</b>

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES**

**AD:** Análise do Discurso

**FD:** Formao discursiva

**FID:** Formao ideológica

**FIM:** Formao imaginária

**E:** Enunciado

**S:** Sujeito

**DV:** Discurso verdadeiro

**DL:** Discurso do louco

**USP:** Universidade de São Paulo

**SDD:** Sequência Discursiva Digitalizada

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>1 BACAMARTE, DEUS E AS SUAS MARGENS.....</b>	<b>16</b>
<b>2 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS.....</b>	<b>18</b>
<b>2.1 Análise do Discurso.....</b>	<b>18</b>
<b>2.1.1 O objeto de estudo da AD e o texto.....</b>	<b>21</b>
<b>2.1.2 Sujeito e ideologia.....</b>	<b>23</b>
<b>2.1.3 A memória.....</b>	<b>25</b>
<b>2.1.4 Formações ideológicas, formações discursivas e formações imaginárias.....</b>	<b>26</b>
<b>2.2 Procedimentos de análise: condições de produção do discurso.....</b>	<b>28</b>
<b>2.2.1 A arquitetura do não verbal.....</b>	<b>29</b>
<b>2.2.2 Policromia.....</b>	<b>31</b>
<b>3 DISCURSO PELA ÓTICA FOUCAULTIANA.....</b>	<b>34</b>
<b>3.1 Procedimentos de exclusão.....</b>	<b>37</b>
<b>3.1.1 Interdição do dizer.....</b>	<b>37</b>
<b>3.1.2 Interdições em “O Alienista”.....</b>	<b>37</b>
<b>3.1.3 Interdições em “A Casa”.....</b>	<b>40</b>
<b>3.2 Onde nasce o silêncio de Evarista e Ana?.....</b>	<b>46</b>
<b>3.3 Resistência e a construção do efeito dano em (Evarista).....</b>	<b>51</b>
<b>3.3.1 Resistência e a construção do efeito dano em (Ana).....</b>	<b>56</b>
<b>4 DOIS INDIVÍDUOS, UM SUJEITO: IMAGENS PARA PENSAR O OUTRO.....</b>	<b>63</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>75</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>77</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>81</b>

## INTRODUÇÃO

Sujeitos de inscrições em formações discursivas influentes têm notável força, poder de mobilidade e visibilidade social. Regido tão somente pela ciência e de renomada estirpe, *O Alienista* (2019), obra de Machado de Assis, narra a chegada e permanência de Simão Bacamarte à cidade de Itaguaí – Rio de Janeiro. Inscrito em formações discursivas (FDs) dominantes, Bacamarte demarca uma posição discursiva de poder, que lhe confere influência sobre os demais cidadãos da região e impõe ali sua ideologia como verdade absoluta. Embora médico, Bacamarte é leigo nos estudos psiquiátricos e sua posição discursiva o projeta como uma (e única) referência médica na cidade, levando-o ao incontestável por grande parte das interlocuções estabelecidas na obra.

Do mesmo modo – de outro polo discursivo –, o *médium* brasileiro João de Deus, acusado de crimes de abuso sexual, exposto no livro-reportagem *A Casa* (2020), margeia vítimas a um particular silêncio (autocensura) por muito tempo. Também sujeito alinhado a FDs de força, João de Deus, a partir de sua posição discursiva, promove práticas sociais por meio de condução constrangedora, em que as vítimas acabavam por se assujeitar a tudo que por ele era imposto como condição para a cura.

Esta pesquisa aborda os princípios basilares da Análise do Discurso de escola francesa para o tratamento dos objetos de análise. Utilizam-se não só os princípios basilares da AD, mas também podem ser convocados ao texto outros tratamentos teóricos-discursivos que se tornam necessários diante da investigação. Neste escrito, tem-se o objetivo de analisar os meios de controle social nas duas situações em questão, explorando o caso de João de Deus como acontecimento discursivo: o encontro de uma memória com uma atualidade (PÊCHEUX, 1990). Mediante a isso, os *corpora* selecionados para a investigação se delimitam ao enunciado da vítima de Deus – Ana – em relato concedido à entrevista no livro-reportagem *A Casa* (2020); e aos enunciados entre Bacamarte e a sua esposa em *O Alienista* (2019).

Diante de cenários que inter cruzam ficção e não ficção, pretende-se também salientar as ideologias que fazem a manutenção das relações e inter-relações de força. O tratamento dado a esses enunciados constitui uma sequência que convoca posições em formações discursivas dominantes e de submissão que atravessam esses sujeitos por uma memória e os estratifica socialmente.

Espera-se, ao longo da pesquisa, ecoar algumas vozes sem nome, especialmente, aquelas atravessadas pelo apagamento contínuo de vozes outras. Espera-se também, além da

possibilidade de oferta de uma releitura desses momentos, examinada por constituintes que evidenciam no discurso as relações de poder e sujeição, melhor explicitar o funcionamento do discurso machista materializado na figura do patriarcado em Bacamarte e Deus, que lhes atribui, nesses dois cenários, controle social.

Diante da proposta, os objetivos buscam:

- Analisar os meios de controle social nas duas situações em questão, explorando o caso de Deus como acontecimento discursivo: o encontro de uma memória com uma atualidade (PÊCHEUX, 1990);
- Verificar ideologias de formações discursivas que evocam força em posições de poder e sujeição;
- Investigar mecanismos discursivos de controle e silenciamento;
- Identificar FDs dominantes em práticas sociais no interdiscurso de sujeitos historicamente pré-determinados.

Além das composições pré e pós-textuais, esta pesquisa se estrutura em quatro capítulos. No primeiro, apresentam-se o *corpus* da pesquisa, o recorte de investigação e sua discursivização. No segundo, discorre-se acerca do arcabouço teórico em que se ancoram as investigações das relações de poder, sendo a Análise do Discurso fundada por Michel Pêcheux, as concepções de discurso de Foucault e a noção de Policromia na análise do não verbal os principais norteadores do escrito. No terceiro, propõe-se, então, uma breve noção de discurso pela ótica de Foucault, uma análise sobre os efeitos de sentido de interdições entre discursos e uma breve sistematização discursiva, a fim de salientar os efeitos de sentido que emergem das relações de poder e sujeição em práticas sociais. Por fim, no quarto, relacionam-se os deslizamentos de sentido entre Bacamarte e Deus, em análise de fotos de João de Deus realizando cirurgias no livro *A Casa* (2020)<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Credibilizam-se as imagens utilizadas nesta pesquisa aos devidos autores. Todas se encontram nas respectivas obras investigadas.



## 1 BACAMARTE, DEUS E AS SUAS MARGENS

Neste capítulo, apresentam-se, brevemente, o conteúdo dos *corpora* em análise, bem como o recorte de investigação. Propõe-se inter cruzar os objetos a fim de discursivizá-los e refletir sobre a seguinte pergunta: o que possibilita o diálogo entre esses polos ficcionais? Esperamos, por meio do estudo, validar a hipótese de que os deslizamentos de sentido possíveis entre as FDs, FIDs e FIMs (formações discursivas, formações ideológicas e formações imaginárias), nas duas situações, ecoam de uma memória um já-dito que pré-determina as inter-relações discursivas entre sujeitos influentes.

Joaquim Maria Machado de Assis (1839 – 1908) é um dos grandes nomes da literatura brasileira. O genioso escritor, entre muitas camadas marginais – negro, de origem humilde –, alavancou a literatura brasileira com grandes obras variadas e de prestígio. Tornou-se, em vida, o maior escritor de seu tempo, sendo, inclusive, principal figura na fundação da Academia Brasileira de Letras.

A obra de Machado de Assis, “O Alienista”, surge primeiro em uma coletânea de contos do autor intitulada “Papéis Avulsos”. O conto retrata um Brasil ainda nos tempos de colônia, em uma pequena cidade do Rio de Janeiro – Itaguaí. O personagem central da obra é um alienista (médico de alienados, de loucos). Simão Bacamarte é um grande médico, formado na Europa que, depois de muito tempo, decide regressar à cidade de Itaguaí a fim de experimentar um novo campo da ciência na cidade: a psiquiatria. Decide, então, inaugurar no Brasil um sistema de tratamento moderno para tratar a loucura: a abertura de uma casa de orates – um manicômio – que parecia, assim, o grande feito do médico de renome no exterior para com sua terra natal.

Ao que nos interessa, discursivamente, é certo que um Brasil colônia, desprovido ainda de universidade na época, não seria tão atrativo para Bacamarte. Então, por que migrar para Itaguaí? Pela dinâmica discursiva, o médico não encontraria grandes oposições e dificuldades para instaurar suas práticas experimentais naquela cidade. Sendo ele a única figura que representa a ciência e a saúde, certamente, suas interlocuções seriam mais eficazes ao seu próprio favor. Sendo essas ações experimentais e o médico ainda em início de carreira na psiquiatria, há práticas que submetem os demais a violações, a tipos de violências. A obra de Machado de Assis releva muito sobre aspectos sociais os quais o autor já se debruçava e criticava, com mestria e ironia, no século XIX.

Um tanto adiante, no século XXI, em uma perspectiva não ficcional, é apresentado o caso de crimes cometidos por João de Deus – o ilustre e respeitoso *médium* brasileiro. Chico Felitti é o autor do livro-reportagem “A casa: a história da seita de João de Deus” e propõe um olhar sobre os aspectos sociais e ações criminosas praticadas pelo *médium*.

Francisco Dias Felitti (1986 - ) – Chico Felitti – é repórter, escritor, roteirista e sociólogo. É formado em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, e em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo. Também é autor de “Ricardo & Vania”, publicado em 2018, pela Todavia, e “Mulher Maravilha”, biografia de Elke Maravilha.

A obra “A casa: a história da seita de João de Deus” resulta de um estudo de campo realizado pelo jornalista Chico Felitti em Abadiânia – Goiás –, local onde João de Deus realizava atos criminosos revestidos pelo ideal de cura de seus fiéis e visitantes. Nesse livro-reportagem, há um percurso pesquisado e relatado por Felitti, no qual se pode ter um panorama da história do *médium*, desde a sua infância e ascensão até a sua queda e condenação.

A proposta desta pesquisa se delimita a investigação discursiva – pelo viés da Análise do Discurso de escola francesa, pelas considerações de Foucault sobre discurso e pelo tratamento de Souza (1998 e outros) ao não verbal – da relação entre Simão Bacamarte e sua esposa, Dona Evarista, e, no caso de João de Deus, entre ele e a vítima Ana. Nesse caminho, selecionam-se interlocuções entre os sujeitos das situações nos dois polos ficcionais, a fim de analisar os mecanismos que possibilitam demonstrar um diálogo interficcional a partir de um acontecimento discursivo – de uma memória atravessada na atualidade. (PÊCHEUX, 1990).

A fim de propor uma perspectiva que se ancore nas relações discursivas emergentes das obras acima, propõe-se esclarecer as concepções que darão base às discussões sobre as relações de força e controle estabelecidas pelo discurso.

## 2 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Neste capítulo, fazem-se breves considerações sobre a Análise do Discurso fundada por Michel Pêcheux (1969/1997) e estabelecida no Brasil por Eni Orlandi; sobretudo, um pouco mais a respeito de seu objeto de estudo, bem como o tratamento dado ao texto. Discorre-se acerca das noções de sujeito e ideologia, formações ideológicas, formações discursivas, formações imaginárias e o atravessamento desses mecanismos para a produção de sentido de objetos simbólicos. Além disso, fala-se também sobre a noção de Policromia na análise do não verbal (SOUZA, 1998).

### 2.1 Análise do Discurso

Ao olhar para os objetos, a Análise do Discurso considera seus atravessamentos pela memória discursiva (interdiscurso). Os sentidos, então, não emergem da primeira camada semântica da materialidade, mas do percurso de um sentido já em trânsito – afetado pelo ideológico, pelo social, pela historicidade e pela memória, no trabalho do inconsciente (ORLANDI, 2015).

A Análise do Discurso, nos anos 60, surge como uma área de entremeio, elencando a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise (ORLANDI, 2015). Em seu interesse, o discurso é o enfoque de estudo no qual se observam os objetos simbólicos e sua produção de sentido para e por sujeitos que, afetados pela ideologia, atribuem diferentes interpretações a eles.

Nesse interesse nas possibilidades de efeito de sentido, é importante diferenciar a noção da interpretação de conteúdo (justamente posta pela Linguística) para a interpretação (entendida pela AD): “A AD considera que a linguagem não é transparente. Desse modo, ela não procura atravessar o texto para encontrar um sentido do outro lado. A questão que ela toca é: como este texto significa? (ORLANDI, 2015. p.16)”.

Para responder a essa questão, a AD recorre aos sentidos que emergem para além da interpretação do “o quê”, mas do “como” (*Idem*). Pensa-se, portanto, em um objeto simbólico em que o sentido para além do próprio texto – em sentidos já em percurso pelo interdiscurso.

A Análise do Discurso não estaciona na interpretação, trabalha seus limites, seus mecanismos, como parte dos processos de significação. Também não procura um sentido verdadeiro através de uma “chave” de interpretação. Não há esta chave, há método, há construção de um dispositivo teórico. Não há uma verdade oculta atrás do texto. Há gestos de interpretação que o constituem e que o analista, com seu dispositivo, deve ser capaz de compreender. (ORLANDI, 2015, p. 24).

Interessa à AD a língua em funcionamento para a produção de sentido. Não em uma conjuntura abstrata de sentidos iminentes dos objetos simbólicos, mas da produção de sentido que atravessa a previsibilidade da espessura semântica, evocando, na língua, sentidos outros, segundo posições discursivas de sujeitos interpelados discursivamente.

Vale notar que para a AD, o texto, como objeto simbólico, evoca sentidos outros diante dos sujeitos. Se o sujeito é interpelado pela ideologia (pelas relações de força) e as formações discursivas agrupam sentidos variados diante do percurso histórico, o lugar da interpretação está atravessado pela necessidade da discursivização do objeto. O texto é, portanto, “encarnado pela sua forma linguística-histórica para produzir sentidos” (ORLANDI, 2015, p. 17). Sua materialidade passa a ser condicionada à historicidade.

### **2.1.1 O objeto de estudo da AD e o texto**

A Análise do Discurso de escola francesa nasce da necessidade de se considerar a maneira pela qual a linguagem – materializada na ideologia e como esta na língua – significa em sua engrenagem enquanto sistema (ORLANDI, 2015). Não se trata de uma nova Linguística, mas de uma forma de investigar a construção de sentidos que, no que lhe concerne, relacionam-se com as materialidades da linguagem.

Pensa-se, então, que a AD se ocupa dos instantes do significar:

Se assim é, a própria língua funciona ideologicamente, ou seja, tem em sua materialidade esse jogo, o lugar da falha, do equívoco: todo enunciado, dirá Pêcheux (*idem*), é linguisticamente descritível como uma série de pontos de deriva possível oferecendo lugar à interpretação. Todo enunciado está intrinsecamente exposto ao equívoco da língua, sendo portanto suscetível de tornar-se outro. (ORLANDI, 2015, p. 11).

A AD observa o percurso do sentido pela memória constitutiva dos discursos. Esse lugar do significar, como dito acima por Orlandi (2015), é suscetível a novas interpretações. Todo enunciado é, então, uma possibilidade de significação diante de sua discursividade e dos seus atravessamentos pelo interdiscurso (pela memória). É sensível ao que emerge da linguagem em dado momento histórico, às concepções ideológicas pelo percurso do sentido em suas variadas materializações e aos sujeitos que fazem o trânsito entre significar-se e significar os sentidos no/do mundo.

O que há de importante para a AD não habita exclusivamente na engranagem, no sistema da língua, mas no discurso (seu objeto). Surge, então, uma crítica à própria Linguística e as Ciências Sociais, segundo Orlandi:

Partindo da ideia de que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua, trabalha a relação língua-discurso-ideologia. Essa relação se complementa com o fato de que, como diz M. Pêcheux (1975), não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido. (ORLANDI, 2015, p. 14).

A crítica da AD à maneira que a Linguística considera o texto, em maioria, reside no tratamento semântico exclusivo dado ao sistema linguístico, na historicidade interna do enunciado; na desconsideração do discurso em sua materialidade interpelada pela historicidade externa, pela ideologia e pelo sujeito enquanto acontecimento histórico significativo. O texto, para a AD, é heterogêneo em sua completude: na sua materialidade (sendo ela qual for em composição), em suas linguagens e em suas formações discursivas por si, atravessadas interdiscursivamente.

Portanto, o texto é remetido ao discurso, e o discurso habita o outro lado dos sentidos que emergem do sistema linguístico. Para a AD, o texto remetido ao discurso faz o percurso de ontem para hoje, de muito antes para o presente, enraizando, pela historicidade, ideologias que manifestam nos discursos mais que um objeto simbólico recortado pela necessidade imediatista de sentido, mas objetos simbólicos condicionados a uma tradição discursiva e ideológica.

Para a AD, a necessidade de discursivizar o texto é, justamente, o ponto em que a Linguística peca. O texto é um componente da linguagem e representa uma unidade de significação. Na maioria dos estudos linguísticos, principalmente na Linguística Textual

(KOCH, 2014), a construção de sentido do texto paira sobre os mecanismos de tessitura dos quais dispõem os enunciados.

Sendo assim, em Koch (2014) bem como em Garcia (1988) e Marcuschi (2008), que investigam a construção de sentido pelos mecanismos da língua, a construção de sentido evoca da própria materialidade constitutiva da língua. Nessa concepção, o texto que se materializa apaga sua historicidade inerente, apaga sua tradição discursiva. A perspectiva que privilegia sentidos imediatos evocados pelo olhar meramente estrutural não colabora para a importância do percurso de sentido estabelecido por um já-dito – uma memória que habita a matéria da língua, muito antes de sua enunciação, antes de sua materialização. Esse processo é concebido pela historicidade externa ao texto:

Quando falamos em historicidade, não pensamos a história refletida no texto mas tratamos da historicidade do texto em sua materialidade. O que chamamos historicidade é o acontecimento do texto como discurso, o trabalho dos sentidos nele. Sem dúvidas, há uma ligação entre a história externa e a historicidade do texto (trama de sentidos nele) mas essa ligação não é direta, nem automática, nem funciona como uma relação de causa-e-efeito. (ORLANDI, 2015, p.66).

Certamente que a AD se importa com os sentidos construídos pelo próprio sistema linguístico, mas sua principal função é a imersão nos sentidos outros, aqueles invisíveis e insensíveis<sup>2</sup> aos sentidos da matéria linguística manifestada em determinado tempo e espaço. A AD busca na materialidade – no texto –, em determinados corpos linguísticos, uma alma significante, uma memória, que já habita o discurso em matéria linguística muito antes. Busca, pelo percurso do sentido, sentidos outros que ali já estavam (ORLANDI, 2015).

---

<sup>2</sup> Partimos do pressuposto de que a memória discursiva dos dizeres está condicionada a uma historicidade inerente (ORLANDI, 2015). Desse modo, quando dizemos acima que os sentidos construídos exclusivamente pelo sistema linguístico abrem margem para o “invisível” e o “insensível”, tocamos no ponto em que o tratamento dado aos sentidos que emergem do sistema, de modo unilateral, apaga a historicidade constitutiva dos discursos atravessada na língua.

### 2.1.2 Sujeito e ideologia

A tese principal é a de que a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se realiza pela identificação do sujeito com a formação discursiva que o domina, identificação na qual o sentido é produzido como evidência pelo sujeito e, simultaneamente, o sujeito é produzido como “causa de si”. (PÊCHEUX, 1997, p. 261).

A noção de sujeito para a AD é de difícil tato, isso porque o sujeito ideal postulado por Chomsky (1978) como falante/ouvinte ideal – aquele capaz de reconhecer na língua e pela língua aceitabilidades sobre gramaticalidades e agramaticalidades – não é o centro do sentido, não é autônomo, embora possua a ilusão de autonomia de seu dizer. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia (ORLANDI, 2015).

Por essa relação condicionada entre sujeito e ideologia, em sua forma-sujeito histórico é que Orlandi (*Idem*) e Pêcheux (1997, p. 214) – na seguinte fala: “os indivíduos são interpelados em sujeitos falantes (em sujeitos de seu discurso) por formações discursivas que representam na ‘linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes” – ressaltam a condição do sujeito como assujeitado pela ideologia e pela língua, em que a construção de sentido é pré-determinada pela historicidade constitutiva dos discursos.

A ideologia para a AD também destoa do padrão das Ciências Sociais. Ela não é convocada nos discursos, mas sim condição para a produção de sentido, em que relações de força, aliança e conflito balizam inscrições discursivas e interpelam indivíduos em sujeitos. Ao mesmo tempo em que se fala de ideologia, não se pode deixar de falar de sujeito. Ambos são necessários para suas respectivas existências. O sujeito conduz ideologia e, ao mesmo tempo, seu dizer é conduzido por ela. São mecanismos discursivos intimamente ligados e condicionados um ao outro para que haja espaço para significar.

É pelo mecanismo ideológico que o sujeito é interpelado pelas formações discursivas em seu dizer, sendo a ideologia “parte, ou melhor, condição para a constituição do sujeito e dos sentidos” (ORLANDI, 2015, p. 44). Segundo a autora, toda interação entre o sujeito e o mundo, portanto, leva indivíduos, diante de objetos simbólicos, a significar. E nesse processo, suas FDs o posicionam de modo a interpretar segundo suas inscrições no discurso.

Diante disso, a evidência do sentido leva a pensar que ele (o sentido) sempre esteve lá, naturalizado. E é preciso, então, movimentos de interpretar e negar, no qual o “o que isso quer

dizer?” dá espaço ao “como isso significa?”. Nesse jogo, os objetos simbólicos assumem diferentes sentidos, intercambiados por ideologias diversas de sujeitos de diferentes posições discursivas.

Pela ordem do simbólico com o mundo é que a língua significa. O movimento da interpretação é atravessado pelas margens da efetividade da língua: pela falha, pelo recuo, pelo equívoco, pelo silêncio, por mecanismos pouco explorados no âmbito dos estudos linguísticos, mas que – observados pela AD – entregam à língua efeitos de sentido outros. Esses efeitos estão além da espessura semântica do enunciado, estão já construídos pela historicidade: “essa inscrição dos efeitos linguísticos materiais na história é que é a discursividade” (ORLANDI, 2015, p. 45). É nessa aderência histórica que a estrutura linguística se inscreve em um já-dito necessário aos gestos interpretativos.

Se a língua funciona ideologicamente e o sujeito é interpelado pelos elementos acima, vale questionar a evidência do sentido, uma vez que a historicidade se circunscreve na estrutura e no acontecimento. Certamente, a interpretação pela língua não é tão assertiva uma vez que ela

não é livre de determinações: não é qualquer uma e é desigualmente distribuída na formação social. Ela é garantida pela memória sob dois aspectos: a. a memória institucionalizada (o arquivo), o trabalho social da interpretação onde se separa quem tem e quem não tem direito a ela; b. a memória constitutiva (o interdiscurso), o trabalho histórico da constituição do sentido (o dizível, o interpretável, o saber discursivo). (ORLANDI, 2015, p.45).

Há mecanismos histórico-ideológicos que fazem a manutenção de um já-dito pela interpretação. A instituição (Estado) e a memória (interdiscurso) atravessam as interpretações nas quais as ideologias interpelam sujeitos e, inconscientemente, seus olhares diante dos objetos simbólicos. As posições discursivas nas quais se inscrevem os sujeitos estão sempre inseridas em uma memória constitutiva dos discursos.



### 2.1.3 A memória

A memória para a Análise do Discurso deve ser entendida nos sentidos que entrecruzam a memória mítica, a memória social inscrita em práticas, além da memória construída do historiador. A memória para a AD é discursiva e está ancorada na historicidade dos sentidos. A memória psicológica do indivíduo não dá lugar ao sentido, mas conduz seu trânsito pela enunciação quanto este é interpelado em sujeito ao tomar uma posição no discurso:

Na hipótese discursiva, pois, ao contrário do modelo chomskiano, o atestado constitui um ponto de partida, não o testemunho da possibilidade de uma frase, e a memória não restitui frases escutadas no passado mas julgamentos de verossimilhança sobre o que é reconstituído pelas operações de paráfrase. Estas considerações deslocam o estatuto do que é provável historicamente, porque a operação de retomada se localiza nesse nível. (ACHARD, 2015, p. 17).

Se o pré-construído dá lugar a interpretações, isso significa que os sentidos estão já-ditos – fornecidos pelos implícitos, pela memória discursiva, pela ordem do inconsciente:

Do ponto de vista discursivo, o implícito trabalha então sobre a base de um imaginário que o apresenta como memorizado, enquanto cada discurso, ao pressupô-lo, vai fazer apelo a sua (re)construção, sob a restrição “no vazio” de que eles respeitem as formas que permitam sua inserção como paráfrase. Mas jamais podemos provar ou supor que esse implícito (re)construído tenha existido em algum lugar como discurso autônomo. (ACHARD, 2015, p. 13).

A memória (interdiscurso) é a voz que fala antes, que ecoa, no percurso, a sua historicidade, de modo que aos sujeitos são impostos pré-construídos, mesmo diante de suas ilusões de autonomia do sentido. A memória discursiva e os sujeitos estão intimamente ligados no trânsito dos sentidos, logo, o lugar da interpretação está sempre atravessado pelo assujeitamento. O sujeito, partindo desse ponto de vista, é atravessado por já-ditos, que ecoam da memória do discurso.

#### 2.1.4 Formações ideológicas, formações discursivas e formações imaginárias

Os discursos estão sempre atravessados por uma memória (interdiscurso), um já-dito que os pré-diz antes mesmo de sua materialização. Esse mecanismo concebe à materialidade sentidos que emergem para além de sua estrutura – sentidos já em curso. É importante pensar na memória constitutiva dos discursos, pois ela aponta para heterogeneidades ideológicas das quais eles são formados. Essa reunião ideológica (as formações ideológicas) que atravessa os discursos coincide com a sua formação discursiva, que “se define por aquilo que em uma FID (formação ideológica) dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que se pode e deve ser dito” (ORLANDI, 2015, p. 41), e podem ser compreendidas como “regionalizações do interdiscurso. Configurações específicas dos discursos em suas relações”. (*Idem*). As FIDs atuam nas relações de força das FDs nas quais estão inscritos os sujeitos.

Diante das dinâmicas sociais, impulsionadas pelas lutas de classes, os discursos se valem de uma constante disputa de sentido na qual as ideologias alimentam formações discursivas que estabelecem constantes relações de força na língua. “Toda a luta de classes pode, às vezes, ser resumida na luta por uma palavra, contra uma outra. Algumas palavras lutam entre si como inimigas” (PÊCHEUX, 1997, p. 210). A palavra é, antes mesmo da evidência do sentido dada pela ilusão do sujeito, interpelada pela ideologia, nas formações discursivas nas quais ela está inscrita:

Podemos dizer que o sentido não existe em si mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas. As palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam. Elas “tiram” seu sentido dessas posições, isto é, em relação às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem. (ORLANDI, 2015, p. 40)

É pelo ideológico que os sentidos oscilam, e as palavras entram em constante conflito para significar diante das posições discursivas para as quais são convocadas. Elas “lutam com outras palavras. Toda palavra é sempre parte de um discurso. E todo discurso se delinea na relação com outros: dizeres presentes e dizeres que se alojam na memória” (ORLANDI, 2015, p. 40). A memória está intimamente ligada aos discursos e às suas FDs, FIDs e FIMs. São por

elas que os sentidos do dizer são atravessados por já-ditos (interdiscurso), de modo inconsciente, pelo histórico e ideológico na linguagem.

Para explicar as formações imaginárias, Orlandi recorre primeiro às relações entre os próprios discursos. Segundo a autora:

As condições de produção, que constituem os discursos, funcionam de acordo com certos fatores. Um deles é o que chamamos de relações de sentidos. Segundo essa noção, não há discurso que não se relacione com outro. Em outras palavras, os sentidos resultam de relações: um discurso aponta para outro que o sustentam, assim como para dizeres futuros. Todo discurso é visto como um estado de um processo discursivo mais amplo, contínuo. Não há, desse modo, começo absoluto, nem ponto final para o discurso. Um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis. (ORLANDI, 2015, p. 37)

Vale observar como os sentidos se estabelecem na interação em consideração ao outro. E é justamente no contraste, na oposição, na filiação, na inscrição aos outros discursos que os dizeres constroem relações de sentido. Um dos mecanismos importantes, inserido nas condições de produção do discurso, é o da antecipação. Desempenhado pelas formações imaginárias, ele resulta da capacidade que todo sujeito tem de “experimentar, ou melhor, de colocar-se no lugar em que o seu interlocutor ‘ouve’ suas palavras. Ele antecipa-se assim a seu interlocutor quanto ao sentido que suas palavras produzem.” (ORLANDI, 2015, p. 37).

Diante das relações de força balizadas pela ideologia nos discursos, as estratégias de antecipação de sentido são fornecidas pelo imaginário que se faz na interação entre os sujeitos. E uma vez que esse imaginário também está inscrito na história, Orlandi (2015, p. 39) também pondera que “pensando as relações de força, a de sentidos e a antecipação, sob o modo de funcionamento das formações imaginárias, podemos ter muitas e diferentes possibilidades regidas pela maneira como a formação social está na história”. As FIMs se constituem nas projeções que o “eu” faz de si diante do “tu” e do “tu” para o “eu”. Esses mecanismos discursivos que integram as formações imaginárias fornecem ao sujeito um arcabouço de imagens para pensar o outro.

## 2.2 Procedimentos de análise: condições de produção do discurso e paráfrase

Convém ressaltar que a Análise do Discurso não se vale de um inventário metodológico fechado em seu estudo. Contudo, ela dispõe de alguns dispositivos de análise dos quais lança mão para investigação.

As condições de produção do discurso não podem ser meramente consideradas contexto, muito embora elas também observam o sentido estrito, o contexto imediato, da circunstância enunciativa. O papel das condições de produção visa ao sentido mais amplo, considerando o contexto ideológico, social e histórico.

É pelo trato amplo dado ao discurso que a memória discursiva exerce uma função essencial à interpretação – atribuir aos dizeres um já-dito:

A memória, por sua vez, tem suas características, quando pensada em relação ao discurso. E, nessa perspectiva, ela é tratada como interdiscurso. Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos de memória discursiva: o saber discursivo que torna possível que todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível sustentando cada tomada da palavra. (ORLANDI, 2015, p. 29).

A memória é um mecanismo discursivo histórico-ideológico que atravessa os dizeres. O dizer é evocado pelo interdiscurso como um já-dito que, segundo as inscrições ideológicas no discurso, posiciona o sujeito de modo pré-determinado na sociedade. Por efeito, a paráfrase, para (ORLANDI, 2015), funciona por intermédio do interdiscurso, do já-dito, ela “representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer. Produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado. A paráfrase está do lado da estabilização.” (ORLANDI, 2015, p. 34). Se a memória discursiva estabelece já-ditos – configurando o retorno ao mesmo espaço dos dizeres –, é possível identificá-la como um importante mecanismo para o trabalho da paráfrase. Desse modo, as diferentes formulações do mesmo dizer se inserem em sentidos pré-contruídos pelo fio da memória discursiva.

É possível identificar em Simão Bacamarte e João de Deus espelhamentos, pelas relações discursivas, que os interpelam em sujeitos semelhantes do ponto de vista das relações de força balizadas pelas suas formações discursivas. Vejamos o quadro a seguir:

<b>Simão Bacamarte</b>	<b>João de Deus</b>
Figura masculina	Figura masculina
População menos letrada	População menos letrada
Cidade pequena	Cidade pequena
Práticas ancoradas em FD cientificista	Práticas ancoradas em FD religiosa/cientificista
<b>Quadro 1: Condições de produção do discurso</b>	

Atravessando o contexto imediato nas situações em pauta, chega-se à historicidade constitutiva desses cenários. Em ambos, há um já-dito que posiciona figuras masculinas em lugares de prestígio, com dizeres de prestígio e práticas de prestígio. Ambos, com consciência de suas ocupações como indivíduos sociais, selecionam, pelo subjugo, indivíduos outros, lugares outros, diferentes daqueles, em que suas posições discursivas não encontram retalhação e força igual ou superior para, assim, promover práticas experimentais, abusivas e criminosas. Pelo imaginário, Bacamarte e Deus se antecipam do outro e fazem deles mesmos dominadores nos grupos aos quais pertencem. Pelo jogo de antecipação, pelo imaginário que João de Deus e Simão Bacamarte fazem, respectivamente, de Ana e Evarista (suas vítimas), eles as subjugam como incapazes de embates e contraposições. Cometem, assim, crimes e violações.

Nos itens seguintes, retomam-se as noções de paráfrase, pela AD, com uma breve sistematização dos enunciados que relacionam os sujeitos dos polos ficcionais e suas respectivas vítimas (capítulo 3). Além disso, recorre-se à paráfrase na perspectiva do não verbal, com o intuito de que esses dispositivos de análise forneçam a discursivização necessária para os deslizamentos de sentido possíveis entre Bacamarte e Deus (capítulo 4).

### **2.2.1 A arquitetura do não verbal**

Em Souza (1998), arrolam-se as primeiras considerações acerca do tratamento do não verbal, no Brasil, pelas lentes da Análise do Discurso. O que primeiro inquieta parte da relação biunívoca entre o verbal e o não verbal, ao passo em que os tratamentos teóricos dados a este, em maioria, estão perpassados por aquele.

Lendo Orlandi (1993), Souza (1998, p. 2) ressalta o que é posto pela autora quanto aos mecanismos de análise entre o verbal e o não verbal, salientando o efeito ideológico de apagamento “que se produz entre os diferentes sistemas significantes, dando sustentação, dentre outros, ao ‘mito’ de que a linguagem só pode ser entendida como transmissão de informação,

ou como sistema para comunicar”. Em termos teóricos, essas discussões sobre o trato do não verbal perpassado pelo verbal já vem sendo esmiuçadas, contudo, Souza (1998) propõe, em prática, alguns caminhos para se pensar a arquitetura do não verbal.

O tratamento dado ao não verbal, no processo de significação da imagem, quando perpassado pelo verbal, reduz sua composição aos traços do signo linguístico. Souza (1998, p. 3) leva, então, em consideração um trato que põe em evidência a significação inerente aos mecanismos da própria materialidade da imagem: “extensão e distância, profundidade, verticalidade, estabilidade, ilimitabilidade, cor, sombra, textura, etc, buscando-se a definição de que modo se dá a apreensão (ou leitura?) da imagem naquilo que lhe seria específico.”.

Souza pontua ainda que

Ao se pensar a imagem através do verbal, acaba-se por descrever, falar da imagem dando lugar a um trabalho de segmentação da imagem. A palavra fala da imagem, a descreve, a traduz, mas jamais releva a sua matéria visual. Por isso mesmo, uma “imagem não vale mil palavras, ou outro número qualquer”. A palavra não pode ser moeda de troca das imagens (Davidson, 1984). É a visualidade que permite a existência, a forma material da imagem e não sua co-relação com o verbal. (SOUZA, 1998, p. 3)

Em uma experiência semântica mais expressiva, ao se pensar, então, na significação da expressão “um beijo fala mais que mil palavras” não emergindo de seu viés estrutural, mas sim da ação praticada, da dinâmica interacional – pelo gesto simbólico –, é perceptível que alguns sentidos estão materializados em linguagens desgarradas dos signos linguísticos. Ele (o beijo) fala mais que mil porque fala sem falar, significa pelo gesto simbólico, por uma semântica genuína – que, depois, conceptualiza-se à estrutura linguística. Nesse caso, o sentido está antes da palavra, com suas semioses próprias diante dos sujeitos que o experienciam. Fato é que a linguagem não é condicionada ao signo linguístico, sendo assim, é necessário pensar nas características próprias que as compõem em si – não usando uma como ponto de partida/chegada para outra (s).

Em outras leituras convocadas ao texto de Souza (1998, p.4), surgem as noções de implícito e silêncio. A autora pontua que a percepção de Ducrot de implícito “prevê modos de expressão implícita, que permitem deixar entender sem ficar a descoberto a responsabilidade de se ter dito.” e que a de silêncio “não pode ser confundida com implícito.”. O implícito é realizável, nas estruturas, pelo caminho lógico linguístico, entre as lacunas do posto preenchidas

pelos pressupostos. Diferentemente do implícito, o silêncio é, ele significa. Ele é antes da palavra e por isso seus processos de sentidos não podem partir de um arcabouço linguístico. Sendo assim, o silêncio não pode ser confundido com o implícito porque este se realiza pelo linguístico e aquele por configurações próprias em si.

### 2.2.2 Policromia

São as inquietações sobre o Silêncio trabalhado por Orlandi (1997) que levam Souza a pensar sobre a arquitetura do não verbal, postulando o conceito de Policromia. Aos estudos discursivos Souza oferta uma teoria ao trato do político no não verbal (1996; 1997; 1999; 2000; 2001; 2011; 2012; 2013; 2013<sup>a</sup>; 2014; 2016). Esse percurso de análise do não verbal vem sendo feito pela autora, de modo a fornecer um método de investigação das materialidades discursivas do não verbal.

A proposta de Polifonia de Ducrot (1987) apresenta no trato ao texto verbal uma gama de vozes convocadas em sua estruturação. Essas vozes outras constituem o caráter heterogêneo do texto verbal. Certamente, diante das discussões acima, o tratamento dado ao não verbal não poderia partir de ancoragens teóricas do verbal. Por isso, é desenvolvido por Souza o conceito de Policromia que

recobre o jogo de imagens e cores, no caso, elementos constitutivos da linguagem não verbal, permitindo, assim, caminhar na análise do discurso do não verbal. O jogo de formas, cores, imagens, luz, sombra, etc nos remete à semelhança das vozes no texto, a diferentes perspectivas instauradas pelo **eu** na e pela imagem, o que favorece não só a percepção dos movimentos no plano sinestésico, bem como a apreensão de diferentes sentidos no plano discursivo-ideológico, quando se tem a possibilidade de se interpretar uma imagem através da outra. (SOUZA, 1998, p.8)

A proposta de Souza (1998) aproxima-se da Polifonia de Ducrot, contudo rejeita mecanismos verbais ao tratamento das imagens. A autora compreende que a manifestação de linguagem verbal é constituída por elementos próprios do sistema da língua. Não podendo a imagem, portando, receber impulsos de linguagens outras para sua descrição. Fato é que o não verbal, assim como o verbal, possui constituintes específicos em sua materialidade, e são essas especificidades que Souza (*idem*) intenciona investigar, salientando o caráter discursivo da

imagem. Sendo assim, a Policromia recobre a projeção de imagens outras no gesto do interpretar, nas quais as materialidades não são visíveis, mas tornam-se pelo simbólico, frente aos atravessamentos de olhares interpelados pelo trabalho da memória discursiva.

Em Souza (2018), mencionam-se três conceitos ao trato da imagem: *Punctum* (BARTHES, 1980 e 1990), Intericonicidade (COURTINE, 2013) e Policromia (Souza, 1997 e 2001). Lendo Barthes (1990), Souza sobrepõe o conceito de punctum (traço essencial da foto) ao nível discursivo:

Do ponto de vista discursivo, defino o punctum como um traço de textualidade inerente ao caráter de incompletude da fotografia. O punctum se define como algo casual, fugaz, por isso mesmo, do nosso ponto de vista, tem relação com a memória, com o interdiscurso, porque abre a interpretação. A partir do punctum, há toda uma instituição de dizeres, que nos remete à atualização da memória face ao sentido instituído pelo esquecimento. Ainda do ponto de vista discursivo, o punctum pode significar a falta, a ausência daquilo que o olhar não vê, mas que está lá significando. (SOUZA, 2018, p. 21).

Segundo a autora, o fio da memória trabalha em face às perspectivas do invisível, pelo caráter de incompletude da imagem. Sendo assim, do ponto de vista de seus recortes no gesto de interpretação, a memória discursiva recobre à imagem efeitos de sentido instituídos pelo esquecimento, pela falta, pelo ato falho.

O conceito de intericonicidade (COURTINE, 2013) atua em uma rede de formulação de imagens nas quais se projetam imagens outras a partir de um ponto imagético referente. Um processo de sentido em que o "sempre já" atravessa o gesto de interpretação da imagem pelos sujeitos, na qual se institui uma relação de "imagem pela imagem" em uma rede de associação.

O conceito de Policromia formulado por Souza se define como uma rede de operadores discursivos nos quais a imagem se constitui como linguagem. Nesse sentido, a imagem não significa tão somente pela rede de formulação com outras, mas pela sua incompletude, pela sua rede de elementos visuais implícitos ou silenciados.

Como dispositivo de análise, o conceito "policromia se define como gesto que permite, ao se interpretar a imagem, projetar outras imagens, cuja materialidade, não é da ordem da visibilidade, mas da ordem do simbólico e do ideológico" (SOUZA, 2018, p. 7). A recursividade, nesse sentido, é um importante componente discursivo no parafraseamento das imagens, segundo Souza (1987)



Ao se interpretar a imagem pelo olhar – e não através da palavra – apreende-se a sua matéria significativa em diferentes contextos. O resultado dessa interpretação é a produção de outras imagens (outros textos), produzidas pelo espectador a partir do caráter de incompletude inerente, eu diria, à linguagem verbal e não-verbal. O caráter de incompletude da imagem aponta, dentre outras coisas, a sua recursividade. Quando se recorta pelo olhar um dos elementos constitutivos de uma imagem produz-se outra imagem, outro texto, sucessivamente e de forma plenamente infinita. (SOUZA, 1987, p. 7).

O recorte pelo olhar, para Souza (*Idem*), recobre o caráter recursivo da imagem. Os olhares, interpelados pelas formações histórico-ideológicas – pelas formações sociais – dão espaço ao caráter policrômico das imagens, aos seus deslizamentos possíveis pela rede de associação a imagens outras, pelo recorte visual, em uma rede de parafraseamento, na qual “produz-se outra imagem, outro texto, sucessivamente e de forma plenamente infinita”. (*Idem*).

### 3 DISCURSO PELA ÓTICA FOUCAULTIANA

Neste capítulo, dedicam-se algumas considerações acerca do discurso e formas de controle. Busca-se olhar como a noção de doutrinação de Foucault (2014) colabora para práticas de sujeitos de formações discursivas dominantes. Faz-se, então, o movimento de condução para o discurso e que este, assim, ecoe, por meio deste escrito, mais uma voz que convoca um já-dito que estabelece, por meio das relações de força na língua, poder e sujeição entre Simão Bacamarte e Dona Evarista, João de Deus e sua vítima Ana.

Michel Foucault (1926 – 1984) tem grande importância nos estudos do discurso. Suas concepções norteiam campos diversos. Além de filósofo, foi amplamente reconhecido como filólogo e crítico literário. Trilham-se, neste escrito, algumas de suas concepções sobre o discurso: sobre a força, o trânsito e impedimentos de sentidos.

Antes de tudo e qualquer filiação discursiva, o sujeito é assujeitado<sup>3</sup> pela língua, pelas práticas discursivas e pelas instituições. Filia-se, antes, a instantes, a uma memória que atravessa seu dizer. Instantes esses que interpelam sua identidade transitória, atravessada por um já-dito, no momento em que seu discurso se materializa.

“Não haveria, portanto, começo; e em vez de ser aquele de quem parte o discurso, eu seria, antes, ao acaso de seu desenrolar, uma estreita lacuna, o ponto de seu desaparecimento possível” (FOUCAULT, 1970/2014, p. 6). O sujeito falante está sempre para a condução do discurso, para a condição de sua existência. Numa mesma relação em que alma habita corpo, o discurso habita o sujeito e, por meio deste, materializa sentidos. Pela ótica foucaultiana, o sujeito é, então, condutor do discurso, interdito e incumbido do trânsito de seus sentidos pelos dizeres. Sua constituição é dada pelas relações e práticas de poder na sociedade.

Os estudos de Foucault (1970/2014) concentram-se no discurso, principalmente, nos sentidos doutrinários nos quais estão inseridos e, assim, estabelecem relações de poder. Essas relações são observadas por Foucault (*Idem*) desde a Antiguidade Clássica, com os gregos e a

---

<sup>3</sup> A leitura que fazemos não é alheia a discussões de outros autores, como em (DELEUZE, 1992). Ancoramo-nos, portanto, em discussões mais recentes que reconhecem o assujeitamento em Foucault (1982; 2004). Com efeito, aderimos ao gesto de leitura da professora Tania Clemente (UFRJ), que compreende o sujeito em Foucault como interdito diante das relações de poder nas quais se estabelecem procedimentos de exclusão (FOUCAULT, 2014) pelas relações de força. Sendo assim, entendemos que o discurso (FOUCAULT, 2014) institui um jogo de poder no qual sujeitos são atravessados, condicionando o trânsito de seus dizeres e configurando-os como assujeitados.

noção de discurso verdadeiro, assim como na sociedade moderna, com o que é instituído pela lei.

Sobretudo, para Foucault (1970/2014), a tradição do verdadeiro, institucionalmente imposta, arrasta-se de lá para cá – para a modernidade –, e ancora-se em instituições. Na antiguidade, essa referência institucional e intelectual partia dos filósofos; nas sociedades modernas, o “discurso verdadeiro” ancora-se também no referencial institucional – pela ordem da lei.

Foucault (*Idem*) define “instituição” e “desejo” como réplicas opostas de uma inquietação – a inquietação diante do que é discurso. Surge, então, o questionamento do que há de tão perigoso na proliferação desses discursos. O perigo está nas relações de força acarretadas por eles, as quais sujeitos se filiam, determinando posições de separação ou inclusão.

Foucault concebe a separação constituída historicamente, porque,

nos poetas gregos do século VI, o discurso verdadeiro pelo qual se tinha respeito e terror, aquele ao qual era preciso submeter-se, porque ele reinava, era o discurso pronunciado por quem de direito e conforme o ritual requerido; era o discurso que, profetizando o futuro, não somente anunciava o que ia se passar, mas contribuía para a sua realização, provocava a adesão dos homens e se tramava assim como o destino. (FOUCAULT, 1970/2014, p.14).

A relação com a noção de “discurso verdadeiro”, na antiguidade, já demarcava o valor doutrinário do discurso. A própria eleição “do verdadeiro” manifesta-se a partir dos considerados “não verdadeiros”, como dito anteriormente, os sentidos se constroem na oposição.

Certamente, a tradição do “discurso verdadeiro” faz-se presente nas sociedades atuais, nas quais muitos discursos se afloram dominantes, por assim dizer, “verdadeiros”, ou com mais vontade de verdade (definido a seguir) que outros. Um discurso “não verdadeiro”, então, leva a sujeitos loucos (definido a seguir), que estão em contraste em relação aos que se filiam aos “discursos verdadeiros”, aos discursos dominantes.

Ainda sobre a separação como princípio de exclusão, Foucault, observando as inter-relações discursivas na Alta Idade Média, toma o louco como

aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros: pode ocorrer que sua palavra seja considerada nula e não seja acolhida, não tendo verdade nem importância, não podendo testemunhar na justiça, não podendo autenticar um ato ou um contrato, não podendo nem mesmo, no sacrifício da missa, permitir a transubstanciação e fazer do pão um corpo; pode ocorrer também, em contra partida, que lhe atribua, por oposição a todas as outras, estranhos poderes, o de dizer uma verdade escondida, o de dizer uma verdade escondida, o de pronunciar o futuro, o de enxergar com toda ingenuidade aquilo que a sabedoria dos outros não pode perceber. (FOUCAULT, 2014, p.10).

Olhando, especialmente, para a instituição, essa força que um discurso move sobre outros se dá pelo que Foucault chama de vontade de verdade:

através de nossos discursos, essa vontade de verdade que atravessou tantos séculos de nossa história, ou qual é, em sua forma muito geral, o tipo de separação que rege nossa vontade de saber, então talvez é algo como um sistema de exclusão (sistema histórico constrangedor) que vemos desenhar-se. (FOUCAULT, 2014, p.14).

Para Foucault (2014) a separação e a rejeição formam princípios de exclusão diante da relação de força de um discurso. Alguns discursos possuem vontade de verdade com mais transitividade social que outros. A instituição, por exemplo, mostra que o discurso paira na ordem da lei, sendo, portanto, de maior transitividade social e de maior influência e prática discursiva. Assim, o valor doutrinário do discurso se estabelece ao passo em que sua vontade excede a de outros, sujeitando-os pelo jogo de poder.

Convém olhar, de início, Simão Bacamarte e João de Deus como sujeitos com filiações que se inclinam às formações discursivas da instituição. De um campo discursivo, a ciência; de outro, a espiritualidade, operando como balizadoras que legitimam seus dizeres e práticas discursivas como hegemônicas.

Pela perspectiva de Foucault (*Idem*), nascem da instituição e do desejo as relações que controlam e assujeitam. Determinam, então, sujeitos e relações de força segundo discursos com maior vontade de verdade. Portanto, essas relações de poder manifestam, também, posições discursivas, histórica e socialmente, determinadas aos sujeitos.

Os efeitos de sentido de um discurso socialmente projetado demonstram as formações discursivas (FD) nas quais ele se insere, sendo materializado pelos sujeitos a partir de suas filiações. A inscrição e a desinscrição em FD não é um processo estático, pois o sujeito também

está inscrito a instantes, e essa transitividade o leva a diferentes posições discursivas que determinam, inclusive, lugares de controle ou de sujeição diante de alguns processos de exclusão intercambiados pelo discurso.

### **3.1 Procedimentos de exclusão**

Certamente, as relações de poder intercambiadas pelos discursos deságuam em posições discursivas em que certos sentidos se evidenciam mais que outros. Por essa inter-relação, então, os discursos estão em constante competição de sentido dados a sua vontade de verdade (FOUCAULT, 2014). É, portanto, comum olhar para essa dinâmica discursiva e perceber as relações de força que elas instauram. Neste segmento, elencam-se algumas sequências que localizam Bacamarte e Deus e sublocalizam indivíduos que os rodeiam.

#### **3.1.1 Interdição do dizer**

Uma vez que um discurso aflore vontade de verdade maior que outros, uma relação hierárquica de vozes em visibilidade e prestígio se materializa pela língua. Os discursos que coexistem não permanecem até que um deles se sobreponha ao outro, pois, conforme a vontade de verdade como já mencionado, suas existências dependem de suas permanências em foco. Enquanto permanecer, esse discurso promove práticas segundo suas formações.

Um discurso que se agrupe de formações discursivas dominantes, por dinâmica de força, opõe-se a FDs outras. Os sentidos se constroem na oposição a outros sentidos e, assim, surgem os contrastes discursivos. Por visualizar as competições existentes entre os sentidos que circulam e se inserem em discursos com mais e menos força de transitividade, Foucault (2014) apresenta-nos três tipos de interdição do dizer: o tabu do objeto, o ritual da circunstância e o direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala.

#### **3.1.2 Interdições em “O Alienista”**

O tabu do objeto em *O Alienista* se apresenta diante do direito privilegiado do sujeito que fala, da forma-sujeito médico do Dr. Bacamarte: “filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e da Espanha.” (ASSIS, 2019, p.7), bem como diante do ritual

da circunstância: “Não havia na colônia, e ainda no reino, uma só autoridade em semelhante matéria, mal explorada, ou quase inexplorada. (ASSIS, 2019, p.8).

Certamente, se o médico começasse a explorar a psiquiatria em uma região de muitas disputas de poder no campo científico, como na Europa onde estava, ele não conseguiria tanta facilidade ao iniciar seus experimentos na área. Em Itaguaí, Bacamarte tem a chance de controle com o direito privilegiado do sujeito que fala, e vale-se de uma população menos letrada, sem outras figuras de autoridade na área para reprová-lo (ritual da circunstância).

São pelas suas formações discursivas dominantes, que a forma-sujeito médico de Bacamarte (único médico na cidade) interdita dizeres outros, e estabelece ali a realização da sua ideia, construir o asilo de loucos:

A vereança de Itaguaí, entre outros pecados de que é arguida pelos cronistas, tinha o de não fazer caso dos dementes. Assim é que cada louco furioso era trancado em uma alcova, na própria casa, e, não curado, mas descurado, até que a morte o vinha defraudar do benefício da vida; os mansos andavam à solta pela rua. Simão Bacamarte entendeu desde logo reformar tão ruim costume; pediu licença à câmara para agasalhar e tratar no edifício que ia construir todos os loucos de Itaguaí, e das

demais vilas e cidades, mediante um estipêndio, que a câmara lhe daria quando a família do enfermo o não pudesse fazer. A proposta excitou a curiosidade de toda a vila, e encontrou grande resistência, tão certo é que dificilmente se desarraigam hábitos absurdos, ou ainda maus. A ideia de meter os loucos na mesma casa, vivendo em comum, pareceu em si mesma sintoma de demência e não faltou quem o insinuasse à própria mulher do médico.

– Olhe, D. Evarista – disse-lhe o padre Lopes, vigário do lugar –, veja se seu marido dá um passeio ao Rio de Janeiro. Isso de estudar sempre, sempre, não é bom, vira o juízo.

D. Evarista ficou aterrada. Foi ter com o marido, disse-lhe “que estava com desejos”, um principalmente, o de vir ao Rio de Janeiro e comer tudo o que a ele lhe parecesse adequado a certo fim. Mas aquele grande homem, com a rara sagacidade que o distinguiu, penetrou a intenção da esposa e redarguiu-lhe sorrindo que não tivesse medo. Dali foi à câmara, onde os vereadores debatiam a proposta, e defendeu-a com tanta eloquência, que a maioria resolveu autorizá-lo ao que pedira, votando ao mesmo tempo um imposto destinado a subsidiar o tratamento, alojamento e mantimento dos doidos pobres. A matéria do imposto não foi fácil achá-la; tudo estava tributado em Itaguaí. Depois de longos estudos, assentou-se em permitir o uso de dois penachos nos cavalos dos enterros. Quem quisesse emplumar os cavalos de um coche mortuário pagaria dois tostões à câmara, repetindo-se tantas vezes esta quantia quantas fossem as horas decorridas entre a do falecimento e a da última bênção na sepultura. O escrivão perdeu-se nos cálculos aritméticos do rendimento possível da nova taxa; e um dos vereadores, que não acreditava na empresa do médico, pediu que se relevasse o escrivão de um trabalho inútil.

– Os cálculos não são precisos – disse ele –, porque o Dr. Bacamarte não arranja nada. Quem é que viu agora meter todos os doidos dentro da mesma casa?

Enganava-se o digno magistrado; o médico arranhou tudo. Uma vez empossado da licença começou logo a construir a casa. Era na Rua Nova, a mais bela rua de Itaguaí naquele tempo; tinha cinquenta janelas por lado, um pátio no centro, e numerosos cubículos para os hóspedes.

Simão Bacamarte lança mão da antecipação pelas suas projeções imaginárias. Ele constrói a interdição do outro ao passo em que se adianta das formações imaginárias do outro para si, as quais ele terá que lidar para efetivar suas ações criminosas. Sabendo que a projeção que a cidade, bem como os vereadores fazem dele, é a imagem do ilustre médico vindo da Europa e que sem ele não haverá outro para cuidar das pessoas na cidade, Bacamarte consegue convencer pelo privilégio de onde fala, da sua posição discursiva, em sua forma-sujeito médico. Além disso, a falta de outros médicos também circunstancializa a interdição de outros dizeres, uma vez que os outros discursos não são do mesmo campo semântico.

### 3.1.3 Interdições em “A Casa”

Do mesmo modo, essas interdições acontecem nos crimes praticados por João de Deus. O *médium* promove suas práticas em uma pequena cidade chamada Abadiânia – Goiás. No ponto mais distante do bairro, ficava a Casa de Dom Inácio de Loyola, A Casa. O lugar onde João de Deus executava crimes revestidos de atos de cura.

O tabu do objeto nos atos criminosos de João de Deus se dá pela forma que ele fazia as vítimas entenderem seus abusos: como passes da religião, do ritual de cura. Ou seja, sua forma-sujeito *médium* é a autoridade em práticas de cura naquela pequena cidade. Portanto, João de Deus era interpelado em um sujeito em posição discursiva de domínio sobre os demais. Adiante, um dos tesoureiros da Casa, Clodoaldo Turcado, decide relatar um pouco sobre sua função e o que presenciava como funcionário de Deus por anos em uma conversa por telefone relatada em “A Casa” (2020). Percebe-se, a seguir, como a interdição do dizer se estabelecia diante do ritual da circunstância.



Quando Turcato tinha doze anos, alguém o mandou a Abadiânia pela primeira vez. “A minha ligação com a Casa começou em 1982. Um amigo da minha família chegou de lá dizendo que eu precisava passar com o João de Deus”, diz Turcato, que morava em Santa Catarina e tinha uma dificuldade motora causada por sequelas de poliomielite. Ele não foi. Catorze anos depois, quando estava internado com uma úlcera no estômago, ele cruzou pela segunda vez com o nome de João Curador. “Tinha uma mulher que ia no hospital, em Maravilha [Santa Catarina], pra organizar caravanas para Abadiânia.” Era 1996 quando ele pisou na Casa pela primeira vez.

“Fiz o tratamento de uma semana. Seu João disse que era para ficar mais uma semana.” Como a caravana catarinense só ia a Abadiânia a cada quinze dias, ele teve de esperar duas semanas na Casa. “Quando eu pedi alta de novo, o seu João disse que eu precisava ficar dois meses. Eu acabei deixando minha filha de sete meses com minha mãe, e minha mulher, Maristela, foi ficar comigo.”

O dinheiro do casal logo acabou. João Faria contratou Maristela para ser caixa na lanchonete. Passados seis meses de sua chegada, Turcato foi contratado pelo escritório Astec Contabilidade para cuidar das finanças da Casa. Fechava os caixas da lanchonete e das farmácias. “E das propinas, dos taxistas também.”

O ex-contador confirma o esquema de pedágio, narrado por dezenas de pessoas que afirmam que Faria cobrava uma taxa mensal de todos os comerciantes do Lindo Horizonte. “Ele cobrava um salário mínimo de cada pousada. E os taxistas pagavam meio salário por mês, nesse período. Depois dizem que mudou, mas quando eu vi era isso.” Alguns comerciantes chamavam essa taxa de “salário da entidade”.

Todas as sextas, Turcato se reunia com João Faria para fechar o caixa da semana e fazer acerto de contas. “Mais de 90%

das pessoas eram registradas com salário mínimo e pagas em cheque da Casa. Mas recebiam a mais por fora.” Segundo ele, a Casa movimentava cerca de 200 mil reais por mês naquela época. “Sobravam 150 mil reais limpos. Bota isso para 1996, e hoje daria quase 1 milhão.”

O grosso do dinheiro vinha da venda de produtos: “A água sempre existiu, e 50% da receita da Casa era de água e de remédio. Porque ele sempre dava a receita de três vidros para cada paciente. E cada vidro custava quinze reais. Tinha época que vendia 2 mil, 3 mil caixas de remédio por semana. Eram trinta, quarenta ônibus de turistas toda semana”. O dinheiro da farmácia, somado às doações e ao dinheiro da lanchonete, passava batido pela Receita Federal. “Ali, 70% do dinheiro passava por debaixo dos panos. Ninguém tirava nota na lanchonete, ninguém tirava nota dos remédios, ninguém tirava nota das doações, nem das propinas. Eu esquentava esse dinheiro. O dinheiro frio a gente depositava na conta de Filhos da Casa, ou de parentes dele.”

A renda da venda dos produtos era, então, atribuída como doação religiosa, que não pode ser taxada, já que a Casa tem um alvará de funcionamento de templo religioso. “Na época, era muito menos complicado desviar dinheiro. Pegava esse dinheiro legal, que passava pela empresa dele, que chamava Dom Inácio, e ele atribuía essa parte do dinheiro a lucro de igreja. Era como uma Universal da vida, não é taxado. Ele comprava fazenda, carros, terrenos. E uma parte era colocada em nome de outras pessoas.” O dinheiro que não era lavado pelo sistema financeiro ficava dentro da Casa. Num saco de lixo escondido no refeitório. “A gente recolhia dinheiro, botava dentro de um saco preto. Ele jogava num lugar escondido que tinha no telhado no refeitório, onde servia a sopa. Todo mês, quando chegava a um valor alto, ele pegava esse saco e levava para Anápolis.”

Por causa da complexidade de seu trabalho, o contador acabava sendo um funcionário próximo do dono da Casa. “A minha relação com ele era direta. Ele era muito bipolar, tinha dia que estava bem e tinha dia que se não gostasse de alguma coisinha, já xingava. Se tivesse qualquer suspeita de desvio de dinheiro, ele mandava demitir. Mas também tinha questão de conduta, se tivesse feito algo errado com cliente, era rua. Mas o principal eram as questões financeiras. Era aí que pegava.”

Em um de seus primeiros meses de trabalho, Clodoaldo Turcato apontou uma discrepância no dinheiro do caixa no turno de um funcionário. “O que o João fez foi mandar dois jagunços na casa do cara, pegar tudo o que ele tinha, o carro e dizer que se ele abrisse a boca, mandava matar.” Ele afirma que esse episódio é bem conhecido na cidade, como centenas de outros casos de intimidação e violência. E casos de violência sexual também.

“As pessoas sabiam. Muitos não queriam falar porque tinham medo de perder o emprego. O pessoal do lado de lá, alguns acreditavam que o João era uma coisa e a entidade era outra. Outros diziam que era parte do tratamento. Outras pessoas acobertavam por interesse financeiro. E alguns por puro medo mesmo. [Se] você vai denunciar um cara desses, precisa temer pela própria vida.”

Por anos, Turcato fingiu que não via os crimes que aconteciam. Até que sua família foi vítima. “O seu João chamou minha esposa na Sala do Médiun, disse que era para ela masturbar ele, ou minha doença não ia ser curada.” Da primeira vez que aconteceu, Maristela não contou para ele. Até que aconteceu de novo. “Na segunda vez que ele assediou, ela chegou em casa chorando e me disse o que era.” Uma semana depois o casal foi embora.

Turcato ficou dois anos em Abadiânia. “Existiam dois lados da cidade. O lado nativo, que não acreditava em João, e o outro

lado, o Lindo Horizonte. O que interessava para ele era mandar no pedaço dele. Ele não interferia na questão municipal. Tinha um ou dois vereadores que ele comprava. E tinha bastante peso na delegacia de polícia também. Mas é só.”

Por mais que tenha feito parte de um esquema de maracutaias, Turcato acredita nos poderes místicos do curandeiro, que até 2019 chama de “seu João”. “Eu melhorei bastante da minha úlcera. Eu entrei num regime, sem álcool, com alimentação regular. Mas houve muita cura lá. Pode ser sugestionalismo, mas as pessoas saíam curadas.”

Clodoaldo Turcato decidiu expor o que havia visto lá dentro duas décadas depois de ter deixado Abadiânia. Depois de ter trocado de profissão e até seu nome por um nome artístico. “E eu ia falar com quem? Ia sair de lá e falar com a polícia, que era comprada e trabalhava para ele? E, também agora, se tiver algum crime meu nesse trabalho que fiz para ele, já vai ter prescrito.”

Das **SDD 3 – 6**, pelo relato de Turcato, o que há é uma Abadiânia regida por João de Deus. As pessoas eram levadas à Casa por caravanas, programadas pela própria equipe do *médium*, todos os setores eram nucleados por Deus – e assim João se sentia: um deus. A ponto, até, de monopolizar pessoas. A própria cidade, financeiramente, era nucleada por Deus (**anexo 2**). Na **SDD 3**, o curandeiro atribuiu à esposa de Turcato e a ele funções para que ambos não precisassem ir embora. Não só isso, mas também tirava do seu caminho aqueles que atravancavam seus planos (**SDD 5**).

Todos os tipos de violências praticadas por João de Deus levam os indivíduos a interdições:

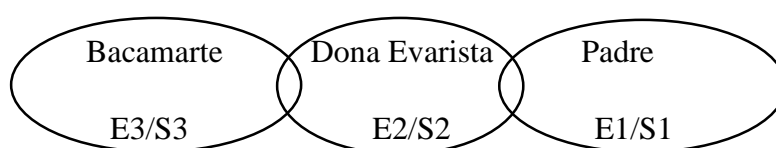
As pessoas sabiam (crimes sexuais). Muitos não queriam falar porque tinham medo de perder o emprego. O pessoal do lado de lá, alguns acreditavam que o João era uma coisa e a entidade era outra. Outros diziam que era parte do tratamento. Outras pessoas acobertavam por interesse financeiro. E alguns por puro medo mesmo. [Se] você vai denunciar um cara desses, precisa temer a própria vida. –Turcato em (FELITTI, 2020, p. 127).

Essas interdições instalam-se, discursivamente, pelo tabu do objeto: “O pessoal do lado de lá, alguns acreditavam que o João era uma coisa e a entidade era outra. Outros diziam ser parte do tratamento.”, em que as projeções imaginárias feitas ao *médium* o conferiam validade segundo suas práticas (ainda que criminosas). E aqueles que não eram convencidos mantinham-se interditados, pois viam o perigo da contestação pelo privilégio do sujeito que fala: “[Se] você vai denunciar um cara desses, precisa temer a própria vida.” –Turcato (FELITTI, 2020, p. 127). A **figura 20**, neste trabalho, disponibiliza uma breve noção de como João de Deus regia a cidade pelo medo, pela força, pela ameaça.

Há uma dinâmica muito interessante ocorrendo entre as obras que conferem controle social aos sujeitos de FDs dominantes. Em ambos os polos ficcionais, Bacamarte e Deus são referências quanto aos seus campos discursivos de domínio: a ciência e a espiritualidade. Diante dessas relações, práticas abusivas são estabelecidas por sujeitos que carregam – por uma memória que atravessa suas formações discursivas, configuradas no interior de uma ideologia de verdade absoluta – passabilidade frente a atos criminosos e abusivos.

### 3.2 Onde nasce o silêncio de Evarista e Ana?

Embora se demonstrasse acima o caso de Turcato, a análise se interessa por olhar para as inter-relações discursivas a partir do ponto de vista do círculo de sujeição: Bacamarte – Dona Evarista e João de Deus – Ana. Em Foucault (2014) acima, o louco não é completamente impedido de trânsito. Observe esta inter-relação nos enunciados (E), no quadro a seguir, a partir de uma sistematização que permite o “retorno aos mesmos espaços do dizer” (ORLANDI, 2015, p. 34) entre Evarista e Ana.



E1: Padre Lopes S1: sujeito 1	Olhe, Dona Evarista, disse-lhe o Padre Lopes, vigário do lugar, veja se seu marido dá um passeio ao Rio de Janeiro. Isso de estudar sempre, sempre, não é bom, vira o juízo. (ASSIS, 2019, p. 10)
E2: Dona Evarista S2: sujeito 2	Ficou preocupada. Foi ter com o marido, disse-lhe “que estava com desejos”, um principalmente, o de vir ao Rio de Janeiro e comer tudo o que a ele lhe parecesse adequado a certo fim. (ASSIS, 2019, p. 10)
E3: Simão Bacamarte S3: sujeito 3	Aquele grande homem, com a sagacidade que o distinguiu, penetrou a intenção da esposa e respondeu-lhe sorrindo que não tivesse medo. Dali foi a câmara, onde os vereadores debatiam a proposta, e defendeu-a com tanta eloquência que a maioria resolveu autorizá-lo a construir o asilo, votando ao mesmo tempo um imposto destinado a subsidiar o tratamento, alojamento e mantimento dos doidos pobres. (ASSIS, 2019, p. 10)
E3: Simão Bacamarte S3: sujeito 3	A ciência é o meu emprego; Itaguaí é o meu universo. (ASSIS, 2019, p. 8)
<b>Quadro 2: enunciados da ficção</b>	

O primeiro ponto importante nos três enunciados é a transitividade do sentido intercambiado. De um polo, Simão Bacamarte, médico, do campo científico, ilustre figura social e único representante da ciência na cidade; de outro, Padre Lopes, como representante do campo religioso e moral. No meio do polo, Dona Evarista, a esposa de Bacamarte, evidenciando a primeira ocorrência de controle social a qual ela é submetida.

Bom, se é certo que o discurso do louco é aquele que não possui transitividade diante das relações de força que Foucault menciona acima, certamente os E2s não seriam validados, pois se trata de um discurso sem vontade de verdade, não acolhido.

E2:	disse-lhe “que estava com desejos”, um principalmente, o de vir ao Rio de Janeiro e comer tudo o que <b>a ele</b> (Bacamarte) lhe parecesse adequado a certo fim. (ASSIS, 2019, p. 10)
S2:	

O sujeito em E2 é invalidado. Seu discurso perpassa, antes, a vontade de verdade maior – a de S3: “comer tudo o que **a ele** lhe parecesse adequado a certo fim”. O discurso em E2 é o do louco que não pode se autenticar não só em seus enunciados, mas também enquanto sujeito. Nas relações acima, nota-se que o discurso do louco paira nas inter-relações. Existem interseções entre E1 e E2, entre E2 e E3, mas não entre E1 e E3. Observe, no próximo quadro, o que instaura diferentes posições de sujeitos quanto ao discurso do outro: o do louco (DL) e do discurso verdadeiro (DV):

S1 > E1 – (DV)	Isso de estudar sempre, sempre, não é bom.
S1 > E2 – (DL)	Olhe, Dona Evarista, veja se seu marido dá um passeio ao Rio de Janeiro.
S1 > E3 – (DL)	Isso de estudar sempre, sempre vira o juízo
S2 > E2 – (DL)	comer tudo o que <b>a ele</b> (Bacamarte) lhe parecesse adequado a certo fim
S2 > E1 – (DV)	Ficou preocupada
S2 > E3 – (DV)	Foi ter com o marido/ disse-lhe “que estava com desejos”, um principalmente, o de vir ao Rio de Janeiro e comer tudo o

	que <b>a ele</b> lhe parecesse adequado a certo fim.
S3 > E3 – (DV)	A ciência é o meu emprego; Itaguaí é o meu universo.
S3 > E1 – (DL)	A ciência é o meu emprego; Itaguaí é o meu universo.
S3 > E2 – (DL)	penetrou a intenção da esposa e respondeu-lhe sorrindo que não tivesse medo
<b>Quadro 3: correspondência linguístico-discursiva (ficção)</b>	

Diante de cada sujeito e enunciado acima, os discursos se configuram de modos distintos, deliberando concepções sobre o outro em (DL) e (DV). Dessas diferentes posições advêm efeitos de sentido variados conforme a dinâmica discursiva. Veja neste quadro:

S1 > E1 – (DV)	Máxima do senso comum sobre a ciência e embate entre conhecimentos religioso X científico
S1 > E2 – (DL)	Manipulação de S1>S2 para mover S3
S1 > E3 – (DL)	O conhecimento pode tirar a sanidade
S2 > E2 – (DL)	S2 assujeitado às práticas discursivas de S3
S2 > E1 – (DV)	Estado psicológico de S2 diante das vontades de S3
S2 > E3 – (DV)	Tentativa de manipulação de manipulação guiada por S1 – de S2 sobre S3.
S3 > E3 – (DV)	S3 sobre suas verdades absolutas
S3 > E1 – (DL)	Desconsideração de S3 perante a discursos outros (que não o científico).
S3 > E2 – (DL)	Força discursiva de S3 na percepção de contradiscursos guiados de S1 por S2.
<b>Quadro 4: correspondência dos efeitos de sentido (ficção)</b>	



Em todos os efeitos produzidos, S2 é mecanismo de condução de discursos outros. Sua posição de (DV) é flexível de acordo com o sujeito que está no controle.

É perceptível a influência que alguns sujeitos exercem sobre outros nos enunciados. Esse controle de trânsito do (DL) também se transporta para as relações não ficcionais. Seguem alguns enunciados, em quadro, em que se podem equiparar os recursos discursivos de controle de João de Deus, assim como os de Bacamarte acima, por práticas abusivas legitimadas por sua posição de sujeito influente. Destacam-se o experimentalismo de Deus e a passabilidade de seus crimes revestidos de práticas de cura. Vejamos no quadro a seguir:

E1: João de Deus S1: sujeito 1	Por que você veio aqui minha filha?
E2: Vítima S2: sujeito 2	<b>Dores no abdomên</b> , ela disse.
E1: João de Deus S1: sujeito 1	<b>Isso é porque seu corpo não pode ter menino.</b> Você precisa tirar essa coisa de dentro de você. Enquanto a <b>violava</b> , ele dizia: <b>É, você vai precisar de uma limpeza. De uma boa limpeza.</b>
E2: Vítima S2: sujeito 2	A gente faz cada coisa idiota na vida. Eu sei que vão pensar que sou uma idiota, mas na hora fazia sentido. Parecia que as coisas lá dentro não eram iguais às coisas lá fora. Eu acreditava que ia encontrar a cura lá
<b>Quadro 5: enunciados da não ficção</b>	

Certamente que, no quadro de enunciados da não ficção, há posições de diferentes lugares discursivos entre os sujeitos, evocando efeitos de controle e sujeição por meio das percepções discursivas de (DL) e (DV) de cada sujeito. Assim como no quadro a seguir, vejamos:

S1 > E1 – (DV)	Por que você veio aqui minha filha?
S1 > E2 – (DL)	Isso é porque seu corpo não pode ter menino/Você precisa tirar essa coisa de dentro de você/ Você vai precisar de uma limpeza. De uma boa limpeza.
S2 > E1 – (DV)	Parecia que as coisas lá dentro não eram iguais às coisas lá fora/ Eu acreditava que ia encontrar a cura lá.
S2 > E2 – (DL)	A gente faz cada coisa idiota na vida/Eu sei que vão pensar que sou uma idiota, mas na hora fazia sentido.
<b>Quadro 6: correspondência linguístico-discursiva (não ficção)</b>	

O quadro de correspondência acima demonstra a força discursiva que S1 move sobre os enunciados de S2. A posição de S1 o confere legitimidade enquanto potencial de ajuda, ainda que seus E1 (“tirar essa coisa”, “vai precisar de uma limpeza”) entreguem sua inexperiência em práticas de cura. A percepção lógica de S2 como lesado subscreve-se, ainda, ao efeito de sentido lógico de S1: (E2: Eu sei que vão pensar que sou uma idiota, mas **na hora fazia sentido**).

Observe no quadro abaixo os efeitos de sentido projetados entre esses sujeitos:

S1 > E1 – (DV)	Pergunta feita aos que visitam S1, e autoafirma sua posição de ajudador.
S1 > E2 – (DL)	Tom de “experimentalismo” de S1 sobre suas práticas com S2 de acordo com o “diagnóstico”: tirar essa “coisa” de dentro de você/ Você vai precisar de uma limpeza. De uma boa limpeza.
S2 > E1 – (DV)	S2 assujeitado a S1
S2 > E2 – (DL)	Consciência de manipulação sofrida por S2
<b>Quadro 7: correspondência dos efeitos de sentido (não ficção)</b>	

Quanto a S1 sobre seus E1 existe a autoafirmação, a pergunta feita a S2 atribui a S1 a posição de ajudador, aquele a quem se busca para a cura. Pode ser notado também que, embora percebido como referência, S1 não possui meios seguros, científicos e legais para atuar como

médico. O experimentalismo revela que suas práticas são ancoradas pela mediunidade, usando a crença das pessoas para que elas se submetam aos rituais de “cura”. A força discursiva exercida por S1 interdita e manipula, levando os que o rodeiam a práticas abusivas.

O que ocorre com Evarista e Ana parte de uma interpretação que dá lugar ao mesmo espaço do dizer, a repetibilidade; uma paráfrase, pois “não há sentido sem repetição sem sustentação no saber discursivo”, na memória (ORLANDI, 2015, p.36). Elas apresentam-se como dois indivíduos, mas um sujeito. interditas pelas formações discursivas de sujeitos dominantes, elas são levadas ao convencimento, ao subjugo. E, então, seus discursos são caracterizados (DL), impedidos de trânsito pelos (DV). É possível identificar em Evarista e Ana o mesmo espaço do dizer, constituindo uma paráfrase, na qual a posição do louco e, até mesmo, o silêncio (que não é calar), confere-lhes resistência. (.....)

### **3.3 Resistência e a construção do efeito dano em (Evarista)**

A noção de silêncio em Orlandi (1997) se fundamenta não pela ausência de palavras. Na verdade, ele é o que existe antes delas e, por isso, o aspecto linguístico não pode operar na concepção do silêncio. Por outro lado, ele não é um nada. No silêncio, constitui-se sentido.

Na ausência de Evarista na cidade de Itaguaí, Simão Bacamarte não precisava se preocupar com mais nada. Na verdade, mandar a esposa ao Rio de Janeiro foi premeditado para que ele pudesse trabalhar em paz. As crenças (FOUCAULT, 2014) de Bacamarte o levaram a identificar como demente todos os que destoavam da sua percepção de “normal”, em um hábito diferente que fosse:

Mas a prova mais evidente da influência de Simão Bacamarte foi a docilidade com que a câmara lhe entregou o próprio presidente. Este digno magistrado tinha declarado, em plena sessão, que não se contentava, para lavá-la da afronta dos Canjicas, com menos de trinta almudes de sangue; palavra que chegou aos ouvidos do alienista por boca do secretário da câmara entusiasmado de tamanha energia. Simão Bacamarte começou por meter o secretário na Casa Verde, e foi dali à câmara à qual declarou que o presidente estava padecendo da “demência dos touros”, um gênero que ele pretendia estudar, com grande vantagem para os povos. A câmara a princípio hesitou, mas acabou cedendo.

Dai em diante, foi uma coleta desenfreada. Um homem não podia dar nascença ou curso à mais simples mentira do mundo, ainda daquelas que aproveitam ao inventor ou divulgador, que não fosse logo metido na Casa Verde. Tudo era loucura. Os cultores de enigmas, os fabricantes de charadas, de anagramas, os maldizentes, os curiosos da

**SDD 7: crença e diagnóstico do louco. Fonte: ASSIS, Machado de. O Alienista. Jandira, São Paulo: Principis, 2019.**

vida alheia, os que põem todo o seu cuidado na tafularia, um ou outro almotacé enfunado, ninguém escapava aos emissários do alienista. Ele respeitava as namoradas e não poupava as namoradeiras, dizendo que as primeiras cediam a um impulso natural e as segundas a um vício. Se um homem era avaro ou pródigo, ia do mesmo modo para a Casa Verde; daí a alegação de que não havia regra para a completa sanidade mental. Alguns cronistas creem que Simão Bacamarte nem sempre procedia com lisura, e citam em abono da afirmação (que não sei se pode ser aceita) o fato de ter alcançado da câmara uma postura autorizando o uso de um anel de prata no dedo polegar da mão esquerda, a toda a pessoa que, sem outra prova documental ou tradicional, declarasse ter nas veias duas ou três onças de sangue godo. Dizem esses cronistas que o fim secreto da insinuação à câmara foi enriquecer um ourives amigo e compadre dele; mas, conquanto seja certo que o ourives viu prosperar o negócio depois da nova ordenação municipal, não o é menos que essa postura deu à Casa Verde uma multidão de inquilinos; pelo que, não se pode definir, sem temeridade, o verdadeiro fim do ilustre médico. Quanto à razão determinativa da captura e aposentação na Casa Verde de todos quantos usaram do anel, é um dos pontos mais obscuros da história de Itaguaí; a opinião mais verossímil é que eles foram recolhidos por andarem a gesticular, à toa, nas ruas, em casa, na igreja. Ninguém ignora que os doidos gesticulam muito. Em todo caso, é uma simples conjectura; de positivo, nada há.

– Onde é que este homem vai parar? – diziam os principais da terra.

– Ah! se nós tivéssemos apoiado os Canjicas...

Um dia de manhã – dia em que a câmara devia dar um grande baile – a vila inteira ficou abalada com a notícia de que a própria esposa do alienista fora metida na Casa Verde. Ninguém acreditou; devia ser invenção de algum gaiato. E não era: era a verdade pura. D. Evarista fora recolhida às duas horas da noite. O padre Lopes correu ao alienista e interrogou-o discretamente acerca do fato.

– Já há algum tempo que eu desconfiava – disse gravemente o marido. – A modéstia com que ela vivera em ambos os matrimônios não podia conciliar-se com o furor das sedas, veludos, rendas e pedras preciosas que manifestou logo que voltou do Rio de Janeiro. Desde

então comecei a observá-la. Suas conversas eram todas sobre esses objetos; se eu lhe falava das antigas cortes, inquiria logo da forma dos vestidos das damas; se uma senhora a visitava na minha ausência, antes de me dizer o objeto da visita, descrevia-me o traje, aprovando umas coisas e censurando outras. Um dia, creio que Vossa Reverendíssima há de lembrar-se, propôs-se a fazer anualmente um vestido para a imagem de Nossa Senhora da matriz. Tudo isto eram sintomas graves; esta noite, porém, declarou-se a total demência. Tinha escolhido, preparado, enfeitado o vestuário que levaria ao baile da câmara municipal; só hesitava entre um colar de granada e outro de safira. Anteontem perguntou-me qual deles levaria; respondi-lhe que um ou outro lhe ficava bem. Ontem repetiu a pergunta ao almoço; pouco depois de jantar fui achá-la calada e pensativa.

– Que tem? – perguntei-lhe.

– Queria levar o colar de granada, mas acho o de safira tão bonito!

– Pois leve o de safira.

– Ah! Mas onde fica o de granada? – Enfim, passou a tarde sem novidade. Ceamos, e deitamo-nos. Alta noite, seria hora e meia, acordo e não a vejo; levanto-me, vou ao quarto de vestir, acho-a diante dos dois colares, ensaiando-os ao espelho, ora um ora outro. Era evidente a demência: recolhi-a logo.

O padre Lopes não se satisfez com a resposta, mas não objetou nada. O alienista, porém, percebeu e explicou-lhe que o caso de D. Evarista era de “mania santuária”, não incurável e em todo caso digno de estudo.

– Conto pô-la boa dentro de seis semanas – concluiu ele.

E a abnegação do ilustre médico deu-lhe grande realce. Conjeturas, invenções, desconfianças, tudo caiu por terra desde que ele não duvidou recolher à Casa Verde a própria mulher, a quem amava com todas as forças da alma. Ninguém mais tinha o direito de resistir-lhe, menos ainda o de atribuir-lhe intuítos alheios à ciência.

Era um grande homem austero, Hipócrates forrado de Catão.

Ao considerar o caso de Dona Evarista, percebe-se que ela era usada como ponte entre o marido e a oposição, como uma “mediadora” no trânsito de sentidos: “Dona Evarista era a esperança de Itaguaí – contava-se com ela para minorar o flagelo da Casa Verde. (ASSIS, 2019, p. 27).

Resistir, para Evarista, é silenciar a si mesma e deixar que o marido lhe desse voz para que ela continuasse validada enquanto mulher, pelo papel de esposa do ilustre doutor. Ela direcionou-se ao marido para ele escolher o acessório de vestimenta dela, mas Bacamarte não se posicionou. O que soava estranho para Evarista, porque o marido decidia tudo sobre ela, até mesmo a alimentação ideal. Bacamarte vê, então, a esposa escolher, testar os colares que iria usar e a recolheu para a Casa Verde por, somente, não compreender aquele comportamento feminino. É interessante observar que antes, Evarista não questionava o que a ela era imposto para comer, para beber, em como se portar; mas o médico, ao vê-la experienciar a possibilidade de escolha (entre os colares), prontamente a impede de trânsito, trancando-a na Casa Verde.

As relações discursivas são, visivelmente, afetadas pela força entre os sujeitos. E nessa dinâmica, Bacamarte, posicionado em formações discursivas que lhe permitem interdições, recolhe todos os que, de algum modo, oferece-lhe embate, risco ou desmerecimento quanto à sua posição de poder.

Simão Bacamarte, a partir de sua posição discursiva, interdita aqueles que o rodeiam. Essa interdição praticada de modo descabido revela bem mais que comportamentos por ele considerados insanos, mas salienta a sua posição de força diante daqueles que lhe oferecem risco, como Evarista, acima, anunciando sua vontade de verdade (FOUCAULT, 2014), em um ato independente, na escolha de uma joia sem o veredito de seu marido Bacamarte.

Adiante, demonstra-se como, no efeito de sentido, a noção do efeito dano é construído por Bacamarte em sua posição sujeito de formação discursiva dominante:

A ilustre dama, no fim de dois meses, achou-se a mais desgraçada das mulheres; caiu em profunda melancolia, ficou amarela, magra, comia pouco e suspirava a cada canto. Não ousava fazer-lhe nenhuma queixa ou reproche, porque respeitava nele o seu marido e senhor, mas padecia calada, e definhava a olhos vistos. Um dia, ao jantar, como lhe perguntasse o marido o que é que tinha, respondeu tristemente que nada; depois atreveu-se um pouco, e foi ao ponto de dizer que se considerava tão viúva como dantes. E acrescentou:

**SDD 10: efeito dano (Evarista). Fonte: ASSIS, Machado de. O Alienista. Jandira, São Paulo: Principis, 2019.**

<b>Efeito de sentido: danos físicos</b>	<b>Efeitos de sentido: danos psicológicos</b>
Ficou amarela	A mais desgraçada das mulheres
Magra	Profunda melancolia
Comia pouco	Não ousava fazer-lhe nenhuma queixa
Suspirava a cada canto	Padecia calada
Definhava a olhos vistos	Se considerava tão viúva como antes
<b>Quadro 8: efeito dano (ficção)</b>	

As construções acima demonstram como o efeito de sentido dano é atravessado em Evarista. Ao mesmo passo em que as relações de poder a interditam, também a danificam. As projeções imaginárias feitas por Evarista impendem-na de se posicionar. Nesse sentido, a vontade de verdade (FOUCAULT, 2014) do marido prevaleceria. (.....)



### 3.3.1 Resistência e a construção do efeito dano em (Ana)

Nas imagens a seguir, há o relato da vítima Ana, concedido ao livro reportagem *A Casa* (2020):

Por erro da Justiça, alguns dos processos de crime sexual contra João Teixeira de Faria que deveriam correr em sigilo foram divulgados com o nome completo das vítimas, no lugar das abreviações de praxe. E esses documentos estão na internet, com a identidade de pessoas que nunca quiseram expor publicamente o que sofreram. A empresária Ana é uma delas. A carioca de meia-idade nunca falou sobre o caso fora do segredo de Justiça, e só aceitou ser entrevistada se seu nome fosse substituído por um pseudônimo e o bairro onde mora no Rio de Janeiro não constasse da reportagem.

Ana abre a porta do apartamento que ocupa o último dos cinco andares de um prédio. Oferece uma xícara de café, coloca a sua no colo, entre as duas mãos, e começa a se entrevistar sozinha. “Você quer saber do que eu me lembro, né? Eu lembro de tudo.”

Em julho de 2012, ela foi à Casa com duas amigas. Era a única do grupo que tinha uma doença física para tratar — sofria com cólicas sem diagnóstico. As outras duas estavam em busca de paz de espírito. Chegaram à cidade na manhã de uma quarta-feira e ficariam até o próximo domingo. No dia seguinte se viu diante de Faria, que afirmava incorporar o espírito de dr. José Valdivino. “O médium quer te ver. Quando terminar o atendimento, vá à sala dele”, ele recitou sua fala. Ana obedeceu e esperou. Cinco pessoas passaram antes dela. Todas mulheres. “Uma

era uma estrangeira, americana, acho, que já tinha cabelos brancos. As outras quatro eram jovens. E brasileiras, acho.”

Depois que todas as outras foram atendidas, Ana entrou. Ele estava em pé e perguntou: “Por que você veio aqui, minha filha?”. Dores no abdômen, ela disse. “Isso é porque seu corpo não pode ter menino. Você precisa tirar essa coisa de dentro de você. Essa coisa”, foi o diagnóstico.

Faria então levantou e deu uma volta ao redor do corpo de Ana. Parou exatamente atrás dela e se aproximou. “Eu sentia a respiração dele, puxando e soltando o ar, na minha nuca.” Ele começou a passar a mão no seu ventre. “Eu achei que fosse um passe na região em que a doença estava.” Mas a mão dele desceu para a sua virilha. Deu a volta pela coxa e chegou até a nádega. “Ele apertava a minha bunda. Ele apertava com as duas mãos, uma de cada lado. As mãos dele eram grandes, pareciam maior do que de um homem normal.” Enquanto a violava, ele dizia: “É, você vai precisar de uma limpeza. De uma boa limpeza”.

Ele então ficou frente a frente com ela. E colocou a mão em seu ombro, fazendo força para baixo. Ele queria que ela se ajoelhasse. Ela obedeceu. Ele abriu o zíper e tirou o pênis de dentro da calça. “Eu lembro de tudo. Eu lembro daquele pinto mole, nojento, cheio de pele. Eu lembro que a unha do dedão dele estava roxa, parecia que ia cair. E eu olhava para aquela unha enquanto ele colocou uma mão atrás da minha cabeça, e com a outra segurava o pau dele. O pau meio mole dele. E eu olhei para essa unha e foi o único lugar para onde eu olhei. Eu foquei nessa unha, como se fosse um jeito de... Sei lá, um jeito de fugir. Eu pensava em gritar, mas eu não consegui na hora, eu não tive força e...” Sua voz embargada pausa. E depois ela bufou uma vez só, como se fosse um pranto abortado logo no começo. “A gente faz cada coisa idiota na vida. Eu sei que vão pensar que eu sou uma idiota, mas na hora fazia sentido. Parecia que as coisas lá dentro não eram iguais às coisas lá fora. Eu acreditava que ia encontrar a cura lá.”

Na sexta-feira ela não voltou à Casa. Ficou trancada no quarto da pousada Norberto Kist. Alegou que estava com cólica demais para ficar em pé por horas. Tampouco contou às amigas o que tinha acontecido. “Eu achei que elas estavam seguras, porque ele não chamou nenhuma delas para ir na salinha.” No domingo o grupo partiu e Ana acabou se afastando das duas amigas, para quem nunca contou o ocorrido.

Oito meses após o abuso, ela descobriria que as dores eram endometriose, uma inflamação no endométrio, o tecido que reveste o útero. Faria três cirurgias e melhoraria “quase que cem por cento”. Da dor no útero. Porque a dor que nasceu numa salinha de um centro de cura espiritual a persegue até hoje.

“Eu fecho os olhos e sinto o cheiro daquele dia. De sabonete Dove. O cheiro da pessoa que você odeia. Não é ódio, não. Acho que eu queria que fosse ódio. É medo. Eu tenho medo dele. Até hoje. Eu tenho medo de um dia entrar em casa e ele estar aqui”, ela aponta para sua sala.

A mão direita de Ana volta para seu colo, ela afunda as unhas sem esmalte na palma. Aperta pelo tempo de um silêncio, depois diz: “Alguém brinca com a sua confiança, com a sua fé. Você está lá disposta a acreditar em uma coisa que é misteriosa, que não é o normal. Está todo mundo de boca aberta o dia inteiro, vendo cura atrás de cura. Isso cria uma confiança, é como se todo mundo ali compartilhasse um segredo que o mundo ainda não sabe. Um milagre. E ele abusava dessa confiança”.

Depois de começar o tratamento para endometriose, ela passou a lidar com problemas que não tinha antes da viagem. Foi diagnosticada com estresse pós-traumático dois anos após ter ido à Casa. Teve ataques de pânico no cinema e no dentista. “Não é uma ligação direta, eu não penso nele o tempo todo, nem quando eu fico ansiosa. Mas eu nunca vou saber o quanto ele é responsável por isso.”

Seu celular dá um único bipe sonoro. É uma mensagem de WhatsApp. Um meme. Uma foto que mostra Donald Trump ao lado de Jair Bolsonaro, trocando olhares, e a legenda: “Olhe para a sua gata do jeito que Trump olha para Bolsonaro”.

Ela dá uma risada. E então fica séria. “É isso! Se eu rio enquanto estou falando disso, enquanto estou lembrando que isso aconteceu, eu já me sinto mal. Parece que eu me tirei o direito de ser feliz, de rir, porque por muito tempo eu achei que fosse culpa minha.” Mas essa opinião mudou nos últimos anos. “Eu não tive culpa. Eu não tive culpa nenhuma. As pessoas não merecem ser punidas porque tiveram fé. Eu não mereço me punir.”

Assim que as denúncias eclodiram na mídia, ela procurou o Ministério Público carioca e prestou seu testemunho. É provável que o crime já tenha prescrito, pois até setembro de 2018 existia na lei brasileira um “prazo de decadência” para crimes sexuais: se eles fossem denunciados mais de seis meses depois do ocorrido, a polícia e a Justiça não poderiam tomar providências a respeito da denúncia. Mas Ana não espera ganhar de João Teixeira de Faria na Justiça.

“Faz quase dez anos que isso aconteceu. E o mundo continuou girando. Mas na minha cabeça é como se estivesse acontecendo ainda. O tempo todo, acontecendo. A vida fica parada. E eu acho que a vida de muitas mulheres também parou, congelou naquele instante.” Ana respira fundo e diz: “É isso. Eu só espero um dia que minha vida ande para a frente”.

**SDD 14: Efeito dano (Ana). Fonte: FELITTI, Chico. A casa: A história da seita de João de Deus. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2020.**

No relato acima, a vítima descreve sua relação com o *médium* João de Deus e dá detalhes sobre o crime, revestido de ato de cura, ao qual ela se submeteu. As relações de abuso praticadas pelo *médium* também eram balizadas pelo jogo da antecipação. As formações imaginárias forneciam a Deus a projeção de possíveis vítimas, subjugadas por ele como potencial para as práticas criminosas. Deus não abusava de indivíduos famosos e importantes publicamente, pelo seu imaginário, essas pessoas se posicionavam em espaços de poder tão influentes quanto os dele. Assim, o subjugo recai sobre aquele que, no jogo de antecipação, não pode mover-se com a mesma força discursiva, enquanto propagador de um discurso de verdade (FOUCAULT, 2014).

Pelo relato, a construção do efeito de sentido que aponta danos também é realizável:

<b>Efeito de sentido: danos físicos</b>	<b>Efeitos de sentido: danos psicológicos</b>
Sentia a respiração dele, puxando e soltando o ar, na minha nuca	Eu lembro de tudo
Ele começou a passar a mão no meu ventre	Lembro daquele pinto mole, nojento, cheio de pele
Ele apertava a minha bunda	Eu lembro que a unha do dedão dele estava roxa, parecia que ia cair
Ele apertava com as duas mãos	O pau meio mole dele
Colocou a mão em seu ombro, fazendo força para baixo	Eu foquei nessa unha, como se fosse um jeito de... Sei lá, um jeito de fugir.
Ele queria que ela se ajoelhasse	Eu pensava em gritar, mas eu não consegui na hora, não tive forças.
Ele colocou a mão atrás da minha cabeça, e com a outra segurou o pau dele	A gente faz cada coisa idiota na vida
	Eu sei que vão pensar que sou uma idiota, mas na hora fazia sentifo
	Parecia que as coisas lá dentro não eram iguais às coisas lá fora.
	Eu acreditava que ia encontrar a cura lá
	Sinto o cheiro daquele dia
	De sabonete Dove
	O cheiro da pessoa que você odeia

	Não é ódio, não. Acho que eu queria que fosse ódio.
	É medo. Eu tenho medo dele até hoje.
	Eu tenho medo de um dia entrar em casa e ele estar aqui.
<b>Quadro 9: efeito dano (não ficção)</b>	

Os efeitos de sentido que apontam dano são mais recorrentes no psicológico. E ainda os físicos, na descrição dos abusos, são práticas que estão agora no psicológico, na memória (memória do sujeito social). O poder de manipulação do *médium* silenciava durante o abuso “Eu pensava em gritar, mas eu não consegui na hora, não tive forças” e depois “Eu tenho medo de um dia entrar em casa e ele estar aqui”. Pelo jogo de antecipação, Deus selecionava sua vítima, diante do imaginário que ele fazia de que essa vítima seria incapaz de competir um discurso de verdade (FOUCAULT, 2014). Ou seja, o louco, como descrito por Foucault (*idem*) era o alvo projetado pelo imaginário do *médium* para práticas criminosas. Como os fiéis e visitantes viam em Deus a imagem do todo-poderoso, capaz de realizar curas inimagináveis, ele se utilizava desse mecanismo de antecipação, pelo imaginário das pessoas, para subjugo e abusos.

Um dos procedimentos frequentes nas práticas criminosas de Deus era a alimentação do ritual da circunstância (FOUCAULT, 2014). O *médium* alimentava a fé das pessoas com as transmissões das “cirurgias” na sala de espera para inspirar nelas a percepção de um discurso revestido de verdade (*Idem*), como podemos observar na imagem a seguir:



[acima e na página anterior] João Teixeira de Faria raspa a córnea de fiéis com uma faca de cozinha, na década de 1990. Esse tipo de intervenção era usado para qualquer doença, próxima à região do olho ou não; prática iniciada no fim da década de 1970 e que perdurou até o fim dos anos 2010. Segurar a bandeja com os instrumentos cortantes era sinal de status entre os seguidores da Casa.

Abaixo, uma televisão mostra cenas de “cirurgias” na Sala de Espera da Casa, onde até mil pessoas aguardavam para ser atendidas em um dia.

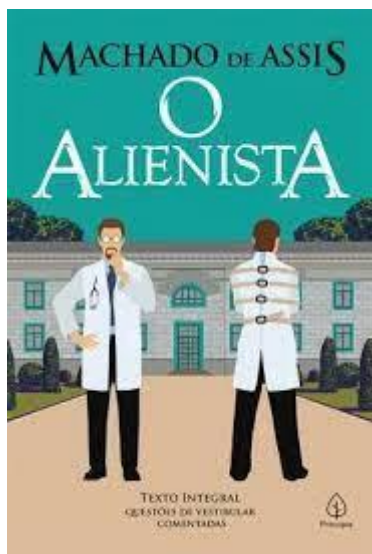
#### 4 DOIS INDIVÍDUOS, UM SUJEITO: IMAGENS PARA PENSAR O OUTRO

Neste capítulo, propõe-se uma análise acerca do político na materialidade do não verbal. Utilizando-se do arcabouço teórico de Souza (1998 e outros), há a possibilidade de um olhar, um recorte, que recobre dois indivíduos e suas respectivas forças discursivas materializadas em uma forma-sujeito médico, sendo Deus legitimado nesta pelos seus atos de “cura”. Ao longo deste escrito, pôde-se observar mecanismos que interditarão a vítima de João de Deus (Ana), e a de Simão Bacamarte (Evarista). O caminho deste capítulo objetiva demonstrar os deslizamentos de sentido da forma-sujeito *médium* em forma-sujeito médico, possibilitando, assim, pelo parafraseamento do visual, projetar a imagens a partir das relações de poder estabelecidas por Simão Bacamarte e João de Deus.

As relações de antecipação se evidenciam, de imediato, já nas nominalizações utilizadas por Simão e João. Sendo, respectivamente, Bacamarte e Deus. Bacamarte é uma antiga arma dos séculos XVIII e XIX com carga de chumbo grosso, de 20 a 40 balas de 10 milímetros de diâmetro. Ela era usada contra massas de tropa. E Deus, pela memória discursiva – nos entrecruzados com a memória mítica e social inscritas em práticas (ACHARD, 2015) –, é projetado, pelo imaginário, como o todo-poderoso, pai de todos, o ser que, antes de tudo, era. João de Deus e Simão Bacamarte assim se projetavam pelo imaginário, sujeitos capazes de atos grandiosos, mas, acima de tudo, eles estavam acima de todos.

Diante do processo de interpretação do político no não verbal, Souza (1998, p.5) propõe um trato a imagem e seus implícitos a partir, também, de configurações de implícitos da própria imagem (configurações essas que não devem ser perpassadas pelo verbal como já vimos acima). Sendo assim, “há imagens que não estão visíveis, porém sugeridas, implícitas a partir de imagens previamente oferecidas. Outras são apagadas, silenciadas, dando lugar a um caminho aberto à significação, interpretação” (*Idem*). A partir de possíveis sugestões abaixo, oferece-se um lugar de interpretação entre as imagens. Vejamos:





*O Alienista*

Machado de Assis

(2019, foto nossa)



*A casa: a história da seita de João de Deus*

Chico Felitti

(2020, foto nossa)

Essas são as capas dos livros nos quais se analisam os diálogos entre sujeitos de formações discursivas dominantes e suas vítimas, na ficção e na não ficção. O imaginário que nos cerca apresenta a figura do médico como autoridade, com características próprias como o uso do jaleco branco, sendo, no caso acima a psiquiatria a área de atuação de Simão Bacamarte. Apresentam-se também a camisa de força e o asilo de loucos. Na imagem do livro-reportagem *A casa* (assim era, de fato, chamado o lugar onde João de Deus atuava), o espaço da interpretação abre margem para a sugestão de que em ambos: no asilo de loucos (a Casa Verde) e na Casa (o espaço de João de Deus), o indivíduo conseguiria a cura, ainda que, nos dois casos, submetido a violações e abusos (**anexo 9**).

As imagens apresentam deslizamentos possíveis de figuras de poder que se legitimam pelo imaginário, por operadores discursivos do não verbal (SOUZA, 2018), por suas vestimentas em branco em que o simbólico trabalha o funcionamento discursivo da legitimidade nos atos de cura. Aqueles que vestem branco, pela memória social, são autoridade em determinados meios, como, por exemplo, o campo da saúde.

Além dos deslizamentos possíveis entre as nominalizações dos espaços: A casa Verde (Simão Bacamarte) e A Casa (João de Deus), chama-se atenção também para o efeito de sentido das cores. No fundo da foto de João de Deus, o verde trabalha o simbólico da esperança, assim como o adjetivo “verde” no sintagma utilizado na nomeação do manicômio de Simão

Bacamarte (A Casa Verde)<sup>4</sup>. E o branco que tanto lhes atribuiu poder provoca o deslizamento de sentido do mesmo fim de dois indivíduos metaforizados em um só sujeito: o recolhimento de ambos, que agora usam branco na condição simbólica de interditados pelas instituições.

Tanto Simão Bacamarte quanto João de Deus se projetavam como a esperança para as suas respectivas cidades. Por meio de práticas abusivas e criminosas revestidas de cura, eles acreditavam ser intocáveis benfeitores<sup>5</sup>. Suas posições discursivas conferiam-lhes um lugar de privilégio social, mas bem mais que prestígio, esse lugar oferecia a Bacamarte e a Deus passabilidade diante de seus crimes revestidos de cura.

Adiante, lança-se mão de três imagens para análise de deslizamentos de sentido entre Simão Bacamarte e Deus.

---

<sup>4</sup> Gostaríamos de agradecer, especialmente, à professora Angela Baalbaki pela contribuição com esse gesto de interpretação.

<sup>5</sup> Retoma-se essa discussão a partir das imagens no item 4 adiante (p.74).



**Figura 16: “cirurgia”. Fonte: FELITTI, Chico. A casa: A história da seita de João de Deus. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2020.**



**Figura 17: “cirurgia”. Fonte: FELITTI, Chico. A casa: A história da seita de João de Deus. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2020.**

Nas **figuras 16 e 17**, Deus realiza raspagem nos olhos e incisões no tórax de voluntários, com instrumentos não esterilizados. Algumas pesquisas da USP, descritas no livro *A Casa* (2020), apontaram que os tecidos retirados eram células de gordura, e não cânceres, como afirmava o *médium*. Muitas pessoas passaram por essas “cirurgias” durante quatro décadas de atuação de João de Deus.

Quando Souza aponta sobre o caráter heterogêneo das imagens, ela recorre à capacidade de projeções de imagens outras recortadas pelo olhar, suportadas pelo papel da memória, no trabalho da interpretação. O jogo discursivo das paráfrases visuais não entregam o visível, mas sugerem, pela discursividade do não verbal, as outras imagens ali contidas, encobertas: “Do ponto de vista discursivo, o implícito trabalha sobre a base de um imaginário que o representa como memorizado, e cada discurso, ao pressupor esse imaginário, recorre à (re)construção, dando lugar a uma filiação parafrásica, constituindo uma rede de sentidos.” (SOUZA, 2018, p. 26).

O que se propõe aqui é a possibilidade de um recorte, que recobre a percepção de um deslizamento de sentido da forma-sujeito *médium* de João de Deus em uma forma-sujeito médico, como a de Simão Bacamarte. O olhar que recai sobre João de Deus o metaforiza como Simão Bacamarte tanto pelas práticas quanto pelas formas de controle.

Simão Bacamarte era a única referência médica influente em Itaguaí, pequena cidade do Rio de Janeiro. Sua eloquência fez com que, mesmo leigo nos estudos psiquiátricos, os outros se sujeitassem aos seus diagnósticos descabidos de loucura. O imaginário é um mecanismo forte na manutenção do poder entre Bacamarte e os pacientes. Ao mesmo tempo em que alguns opositores, como o padre Lopes, discordavam. Não havia um sujeito projetado pelo imaginário de modo tão influente para um embate direto com o médico. Neste momento, então, é que a esposa de Bacamarte, Evarista, torna-se “condução discursiva” entre os opositores e seu marido.

João de Deus, do mesmo modo, instaurava práticas experimentais e criminosas pelo imaginário projetado de si para os outros, e dos outros para si mesmo. O tratamento dado às pessoas influentes, como ele, era respeitoso e de igual para igual. Contudo, aquele que, segundo seu imaginário, era favorável ao subjugo tornava-se vítima de suas práticas criminosas. Bacamarte e Deus interpelam-se em um único sujeito por uma paráfrase visual (SOUZA, 1987 e outros), assumindo posição discursiva dominante. Ambos utilizam-se do imaginário como mecanismo de antecipação para promoverem suas práticas e manterem sob controle suas respectivas cidades.

Outro procedimento que se entrecruza ao imaginário nas projeções de Bacamarte e Deus é o que Foucault (2014) chama de crença:

A ciência é o meu emprego único; Itaguaí é o meu universo – Simão Bacamarte (ASSIS, 2019, p.8)

Bacamarte vivia pelo ofício, seu amor e devoção eram para com a ciência, apenas. O médico se projetava como o salvador da cidade, sendo o único capaz de desvendar ali as causas e curas para a loucura, ainda que isso custasse o subjugo dos cidadãos. Simão Bacamarte descredibilizava todos, pois sabia que naquele local, sua posição discursiva o interpelava como o sujeito que carrega o “discurso de verdade” (FOUCAULT, 2014).

Na imagem abaixo, pode-se observar, pela discursividade do não verbal, operadores discursivos (SOUZA, 2018) que atuam nas projeções imaginárias de João de Deus, assim como acima em Simão Bacamarte:



**Figura 18: sala de espera. Fonte: FELITTI, Chico. A casa: A história da seita de João de Deus. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2020.**

Na figura acima, há a sala de espera, geralmente lotada. Os trabalhos começavam ali, com instruções em ao menos três línguas com as regras de funcionamento do lugar (sendo uma delas o uso obrigatório do branco). Mais abaixo, na mesma imagem acima, demonstra-se uma fiel, debruçada no triângulo que ornamentava uma parede da sala de espera. O símbolo era sagrado na seita, e João afirmava que cada um dos lados representava um dos seus pilares: fé, amor e caridade (este último um tanto controverso, já que Deus monetizava seus feitos – **anexos 4 e 5**).

Deus também vivia pelo ofício. Pelo simbólico, o *médium* impôs aos fiéis vestimentas específicas, brancas (**anexo 5**), para conexão com o espiritual durante as sessões de cura. O triângulo que Deus metaforiza os preceitos de sua prática também remete à memória dos preceitos defendidos pela Revolução Francesa (liberdade, igualdade e fraternidade), ou ainda a Sagrada Trindade.

Pela ordem do simbólico, João de Deus era interpelado pela sua posição discursiva, de fato, como o todo-poderoso. Aquele capaz de entregar aos seus seguidores cura e prosperidade as quais o fio da memória parafraseia também a ideia de instituição igualitária pelo triângulo da Revolução Francesa e pela entidade religiosa absoluta nesse serviço: Deus (assim adotando para se autointitular: João de Deus)

Outra paráfrase visual (SOUZA, 1987 e outros) conduzida pelo fio da memória remete à imagem de Jesus, que circulava entre os necessitados. É possível fazer essa projeção a partir das primeiras duas imagens na **figura 18** e em **anexo 2, 6 e 7**. João de Deus posicionado ao meio, e seus seguidores ao redor ansiosos por atos de cura, remetendo ao mesmo imaginário social de Jesus em seus feitos. De certo modo, essa projeção de filho de Deus, aquele que veio para curar, o escolhido (ou o próprio Deus) é depreendida nas duas imagens, também na **figura 18**, na qual João põe seu retrato lado a lado ao de Jesus, numa perspectiva de semelhança entre benfeitores sociais.

O que distancia a forma-sujeito *médium* Deus de suas práticas sociais, contudo, são seus métodos de cura. E, então, é que se pode observar o deslizamento de sentido entre as forma-sujeito *médium* e forma-sujeito médico. As **figuras 16 e 17** remetem a práticas de um médico, de um cirurgião. João de Deus utilizava-se da crença (social/religiosa) das pessoas para se legitimar em uma forma-sujeito diferente da de um *médium*. Não só isso, como também lançava mão desse jogo de antecipação do imaginário para abusar e violentar a partir da seleção de vítimas em potencial, ou seja, aquelas que poderiam ser abusadas sem que lhe causasse



problemas, as pessoas menos influentes. A manipulação do *médium* transcendeu tantos limites que, mesmo diante de tantos crimes, ainda havia pessoas devotas a ele, presas ao imaginário de um benfeitor que foi injustiçado (**anexo 10**).

Bacamarte também não violava e submetia seus semelhantes (influentes discursivamente). Nesse sentido é que o político da imagem **18** e os **anexos 3 e 8**, remetem, pelo fio da memória discursiva, em sua materialidade da memória social, a Simão Bacamarte:

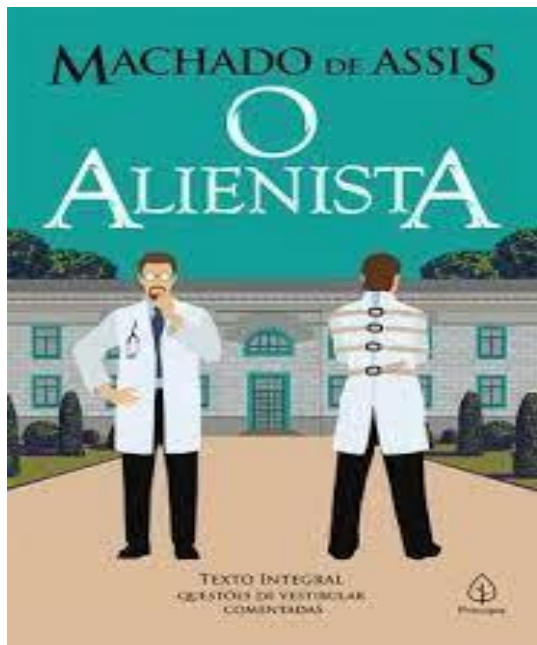
Na ordem do discurso, o papel da memória é aquele que dá viabilidade ao acontecimento histórico, já que a própria estruturação do discursivo constitui a materialidade da memória social. O que nos leva a considerar aí o estatuto dos implícitos no âmbito da memória. (Cf.: ACHARD, 1999) Do ponto de vista discursivo, o implícito trabalha sobre a base de um imaginário que o representa como memorizado, e cada discurso, ao pressupor esse imaginário, recorre à (re)construção, dando lugar a uma filiação parafrásica, constituindo uma rede de sentidos. (SOUZA, 2018, p. 26).

O médico se utilizava das antecipações imaginárias nas relações discursivas de poder e diagnosticava seus pacientes por puro experimentalismo e achismo. A cura prometida, em ambos os cenários (de Bacamarte e de João de Deus), era condicionada a submissões e violações. Com efeito, dando lugar a uma filiação parafrásica, constituindo uma rede de sentidos, Simão Bacamarte é visualmente parafraseado por João de Deus. Esses dois indivíduos são interpelados na possibilidade de um só sujeito, com condições de produção de discurso semelhantes, inscritos em formações discursivas dominantes. De modo mais verossímil, com práticas, ainda que experimentais, de uma mesma forma-sujeito médico.

Abaixo, trabalha-se o recorte que permite projetar imagens outras (a de Simão Bacamarte) ao fim de João de Deus. Souza, ao tecer considerações sobre Policromia, aponta a heterogeneidade das imagens pelo gesto da interpretação:

Ao se definir policromia como rede de elementos visuais, implícitos ou silenciados, verifica-se que são esses os elementos que possibilitarão as diferentes interpretações do texto não-verbal. Com isso, se diz que as imagens não são visíveis, tornam-se visíveis a partir da possibilidade de cada um projetar as imagens possíveis, que necessariamente, não compõem a estrutura visual do texto não verbal em si, mas que compõem a rede de imagens mostradas, indiciadas, implícitas, metaforizadas ou silenciadas. (SOUZA, 2018, p.23).

Observe as seguintes imagens em que a metaforização de Simão Bacamarte em João de Deus torna-se visível pela heterogeneidade das imagens projetadas pelo fio da memória discursiva:



**Figura 19: O fim de Bacamarte: Fonte:**

**Foto nossa**



**Figura 20: O fim de Deus. Fonte:**

**A casa (2020)**

Na **figura 20**, João Teixeira de Faria está sob custódia. Em um ano preso, foi interna primeiro em um hospital onde permaneceu por algumas semanas, perdeu 37 quilos e passou a se locomover com o apoio de uma bengala e cadeira de rodas. Uma avaliação médica da Justiça, em dezembro de 2019, descartou qualquer doença que exigisse prisão hospitalar ou domiciliar. Munição e dinheiro foram encontrados pela polícia nas casas de João de Deus.

Ao lado, **figura 19**, a capa do livro *O alienista* (foto nossa) revela o desfecho da narrativa. Simão Bacamarte experimentou a psiquiatria de tal modo – internando na Casa Verde qualquer um que destoasse comportamentos tidos por ele “normais” – que acabou chegando à conclusão de que ele sim era o louco, por violar tantas pessoas.

Na **figura 20**, também se pode observar o momento em que o *médium* se entrega à polícia em uma estrada rural próxima da Casa, em 16 de dezembro de 2018. Mais uma vez, o

gesto de ambos, entrega o efeito de sentido de suas posições discursivas: poder. Bacamarte e Deus não foram pegos. Ambos se autojulgaram e, assim, entregaram-se às autoridades. Esse gesto demarca suas posições de poder e salienta a projeção de autossuficiência que os dois faziam de suas próprias imagens.

As imagens das capas dos livros também demonstram, por mais um gesto de interpretação, a partir dos movimentos das imagens, a autossuficiência pelas relações de poder exercidas. Bacamarte e Deus, posicionados de frente, eternizam o movimento de chegada, de esperança para as suas respectivas cidades (essa esperança pode ser resgatada pelo simbólico da cor verde). Esse movimento anuncia a cura para o povo, como podemos visualizar pelos operadores discursivos não verbais: o estetoscópio e o jaleco. No caso de Deus, pelas **figuras 16 e 17**, o operador se mostra a partir da faca (simulando o bisturi) nas incisões e do branco utilizado pelo *médium*.

Junto a isso, o movimento de saída, nas **figuras 19 e 20**, sugere o fim atravessado por uma mesma posição de poder. Pode-se observar, a partir da **figura 19**, que Bacamarte se autodiagnostica como louco (visível pela imagem de saída, em que o médico se prende a uma camisa de força). E o mesmo gesto (**figura 20**) é observado em Deus, no qual o *médium* se entrega às autoridades em uma estrada próxima à Casa. Ambos, assim, decidindo seus futuros. Bacamarte e Deus, a partir de suas práticas criminosas revestidas de cura, acreditavam ser, pela projeção do imaginário que faziam de si mesmos, intocáveis e benfeitores. Foram tocados porque se permitiram ser tocados (para pagar pelos seus crimes), mas não benfeitores porque violaram o outro, manipulando a imposição do toque como condição de cura.

Durante este escrito, buscaram-se caminhos discursivos que guiassem a possibilidade de investigar o que Pêcheux (1990) intitula de acontecimento discursivo, na perspectiva de um encontro de uma memória com uma atualidade. O fim de Simão Bacamarte metaforiza o fim de João de Deus. Ambos sucumbiram às suas vontades de verdade (FOUCAULT, 2014), aos seus propósitos de fazer o bem, de curar. Ambos violaram, abusaram e atravessaram os limites de poder pela ordem do discurso.

Ana e Evarista, também possíveis de serem interpeladas em uma mesma posição discursiva – de serem metaforizadas em uma mesma imagem –, estiveram posicionadas no discurso do louco (FOUCAULT, 2014), aquele cujo sentido não alcança credibilidade, confiança – aquele que não chega a lugar algum quanto ao que é importante para a Instituição.

Contudo, em Foucault (*Idem*), o discurso do louco também pode, em algum momento, evidenciar-se no percurso dos sentidos:

Desde a alta Idade Média, o louco é aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros: pode ocorrer que sua palavra seja considerada nula e não seja acolhida, não tendo verdade nem importância, não podendo testemunhar na justiça, não podendo autenticar um ato ou um contrato, não podendo nem mesmo, no sacrifício da missa, permitir a transubstanciação e fazer do pão um corpo; pode ocorrer também, em contra partida, que lhe atribua, por oposição a todas as outras, estranhos poderes, o de dizer uma verdade escondida, o de dizer uma verdade escondida, o de pronunciar o futuro, o de enxergar com toda ingenuidade aquilo que a sabedoria dos outros não pode perceber. (FOUCAULT, 2014, p.10).

Retoma-se essa citação, pois Evarista e Ana pronunciam tal futuro. O de dizer verdades escondidas, o de esclarecer sabedorias que a sabedoria (dominante discursivamente) não poderia reconhecer. João de Deus e Simão Bacamarte não podiam reconhecer em suas práticas os crimes que estavam cometendo, pois não se projetavam, pelo imaginário, de igual modo aos seus pacientes. Suas posições discursivas entregavam-lhes passabilidade sem limite em seus “atos de cura”. João de Deus e Simão Bacamarte, ainda em seus respectivos fins, não foram pegos, mas se entregaram por ato próprio, decidindo seus destinos. Aos verdadeiros loucos<sup>6</sup> (**figuras 19 e 20**) resguardou-se o mesmo fim.

---

<sup>6</sup> Simão Bacamarte e João de Deus, a partir de suas posições discursivas, revestem seus (DL) em (DV) (FOUCAULT, 2014), em suas práticas de cura ilógicas e sem fundamentação. A quebra do silêncio de suas vítimas traz à tona os verdadeiros loucos pelas ações infundadas e descabidas. Desse modo, silenciam-se as vozes de poder (DL) revestidas de (DV), e os loucos antes silenciados passam a ser ouvidos, abrindo margem a uma reversão dos discursos verdadeiros.

## CONCLUSÃO

Este trabalho tomou por objetivo investigar os mecanismos discursivos de controle social em um diálogo interficcional entre Simão Bacamarte em *O Alienista* (2019) e João de Deus em *A Casa* (2020). Pôde-se analisar e explicitar alguns meios de controle social, com a proposta de um parafraseamento entre as duas situações em questão, evidenciando o que Orlandi (2015, p. 14) nomeia de repetição histórica: “formulação que produz um dizer no meio de outros, inscrevendo o que diz na memória constitutiva”.

Do ponto de vista de alguns dos mecanismos de controle, o imaginário, que os sujeitos fazem de si e dos outros, no jogo de antecipação, constituiu a manutenção da relação de poder nas situações ficcional e não ficcional. Simão Bacamate e João de Deus são indivíduos interpelados por posições discursivas dominantes pelo ideológico; em um sujeito que se projeta de modo influente socialmente e que já está determinado em suas respectivas forma-sujeito pelo interdiscurso.

Verificaram-se, ao longo do texto, que as condições de produção do discurso nos casos de Bacamarte e Deus evocam, de uma memória discursiva, a posição de um sujeito historicamente pré-determinado. Os espaços que compreendem a religião e a ciência sempre foram presentes nas sociedades, e esses campos discursivos, em suas respectivas áreas, agrupam formas, fornecendo àqueles indivíduos que se posicionam nesses espaços do dizer, em suas práticas, uma repetição histórica de seus controles, de seus poderes. Estes ecoam da memória do discurso, do seu componente ideológico – no qual sua força está inscrita socialmente –; ecoam das formações discursivas nas quais se inscrevem os sujeitos (aqui, nas situações em questão, o espaço do dizer, pela memória, constitui um pré-construído, no qual a forma-sujeito médico e a forma-sujeito *médium* atravessam Simão Bacamarte e João de Deus, respectivamente, e lhes atribuem mobilidade e influência social).

Identificaram-se, além da memória constitutiva dos discursos de poder, pelo jogo de antecipação do imaginário, outros mecanismos que atuam nas inter-relações discursivas. Pela leitura do discurso verdadeiro e do discurso do louco em Foucault (2014), em uma breve sistematização, pôde-se observar que as vítimas de Simão Bacamarte e João de Deus eram subjugadas. Evarista, a esposa da Bacamarte, era percebida pelas inter-relações discursivas, entre seu esposo e o povo, como uma ponte no trânsito dos sentidos, nos quais a oposição (os loucos, o povo) chegava a Bacamarte (o propagador do discurso verdadeiro). Simão Bacamarte

se projetava como o salvador de sua cidade e “protegia” as pessoas de seus próprios devaneios, trancando-os e os silenciando (assim como fez com sua própria esposa, Evarista). João de Deus, por sua vez, no polo não ficcional, munuiu-se dos mesmos mecanismos de antecipação. Projetava-se como o salvador do seu povo, oferecendo-lhes a cura, assim como Bacamarte.

João de Deus, também propagador do discurso verdadeiro (FOUCAULT, 2014), não aprisionava fisicamente seus pacientes, mas sim psicologicamente. Tanto João de Deus quanto Simão Bacamarte experienciaram a posição de um sujeito poderoso, de grandes feitos e influência social. Do mesmo modo, ambos ofertaram curas revestidas de danos físicos e psicológicos em que suas vítimas se submetiam a abusos na expectativa de serem curadas.

Evarista e Ana são subjugadas e posicionadas como propagadoras do discurso do louco (FOUCAULT, 2014). Antes de anunciar suas verdades, ambas foram silenciadas. Não porque se calaram, mas porque o silêncio conferia resistência, permanência e trânsito. (ORLANDI, 1997).

Identificaram-se, pelas inter-relações discursivas, como os efeitos de sentido salientam as posições poder e sujeição socialmente. Pela análise da arquitetura do não verbal, pôde-se projetar imagens para pensar os atos de cura de João de Deus inscritos em uma memória de uma forma-sujeito médico (visualizando, assim, Simão Bacamarte). Pela maneira que se davam as curas, pôde-se também, pelo trabalho da memória, relacionar discursivamente Evarista e Ana em uma mesma forma-sujeito vítima.

Este trabalho visou a oferecer um olhar – mais um dos muitos que ainda podem surgir. Por isso, também se ofertam as imagens em anexo para possibilidades futuras que considerem os efeitos de sentido que emergem do político na arquitetura do não verbal (SOUZA, 2018). O escrito visou também a motivar inquietações no meio acadêmico e social que considerem vozes outras no trabalho de pesquisa. Vozes continuamente silenciadas no percurso dos sentidos que se inscrevem na história.

## REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **O Alienista**. Jandira, São Paulo: Principis, 2019.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

BARTHES, R. 1980: **A câmara clara**. Petrópolis, RJ: Editora Nova Fronteira, 1984

BARTHES, R. **O óbvio e o obtuso**. Petrópolis, RJ: Editora Nova Fronteira, 1990

COURTINE, J-J. **Decifrar o corpo** – Pensar com Foucault. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013.

DELEUZE, Gilles. **Conversações 1972-1990**. Rio de Janeiro. Ed 34, 1992.

CHOMSKY, N. **Aspectos da teoria da sintaxe**. Armênio Amado ed., Coimbra, 1978.

FELITTI, Chico. **A casa**: A história da seita de João de Deus. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2020.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2014.

FOUCAULT, M. Subject and Power. *In*: DREYFUSS, H.; RABINOW, P. **Beyond structuralism and hermeneutics**. Brighton: The Harvester Press, 1982.

FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo : Martins Fontes, 2004.

GARCIA, O. M. **Comunicação em prosa moderna**. 14. Ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1988.

KOCH, Ingedore G. V. **A coesão textual**. 22. Ed. São Paulo: Contexto, 2014.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção Textual**: análise de gêneros e compreensão. 1. Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 12ª. Ed. Pontes Editores, Campinas, São Paulo, 2015.

ORLANDI, Eni P. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 4. ed. Campinas, SP. Editora da Unicamp, 1997.

ORLANDI, Eni P. **Efeitos do verbal sobre o não verbal**, Encontro Internacional da interação entre linguagem verbal e não verbal, Brasília, março, 1993.

ORLANDI, E. Texto e discurso. In: **interpretação**. Petrópolis: Vozes, 1996

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso. *In*: GADET, F.; HAK, T. (org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux . Tradução Bethania S. Mariani (*et al.*). 3. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 1990.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

ACHARD, P. *et al.* **Papel da memória**. Tradução e introdução: José Horta Nunes. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2015.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Tradução de Antônio Chelini et al. 25. ed. São Paulo: Cultrix, 1996.

SOUZA, T.C.C. de. **Discurso e imagem**: perspectivas de análise do não verbal. Ciberlegenda, Niteroi, RJ, 1998.



SOUZA, Tania C.C. **Imagem e Sentido**, texto-apostila utilizado no curso ANÁLISE DO DISCURSO do Instituto de Artes de Comunicação Social, Niterói, primeiro semestre de 1996.

SOUZA, Tania C.C. **Discurso e imagem**: perspectivas de análise do não-verbal, Conferência no 2º Colóquio de Analistas del Discurso, Universidad del Plata, Instituto de Lingüística da Universidad de Buenos Aires, La Plata e Buenos Aires, 1997

SOUZA, Tania C.C. Discurso e imagem: perspectivas de análise do não-verbal. **CIBERLEGENDA**, Niterói, RJ: v.1, p.15 - 32, 1998.

SOUZA, Tania C.C. **Carnaval e memória**: das imagens e dos discursos, Contracampo, Niterói, RJ: 5, UFF, 2000.

SOUZA, Tania C.C. A análise do não verbal e os usos da imagem nos meios de comunicação, **Rua**, Campinas: 7, Unicamp, 2001

SOUZA, Tania C.C. Discurso e imagem: uma questão política. 1a. ed. *In*: Lenzi, L.H.C.; Da Ros, S.Z.; Souza, A.M. Alves de.; Gonçalves, M.M.. (Org.). **Imagem: intervenção e pesquisa**. Florianópolis, SC: NUP, 2006, p. 079-101.

SOUZA, Tania C.C. Mito e discursividade: um processo metonímico. **Revista Boitatá**, v.6, p.23 - 35, 2008.

SOUZA, Tania C.C. Imagem, textualidade e materialidade discursiva. 1 ed. *In*: **Análise de Discurso no Brasil**: pensando o impensado sempre. Uma homenagem a Eni Orlandi. Campinas, SP: Editora RG, 2011, p. 387-400.

SOUZA, Tania C.C. Gestos de interpretação e olhar(es) nas fotos de Curt Nimuendajú: índios no Brasil. Comunicação VII Jornadas de Estudos de Linguagem - JEL, UERJ: 2012.

SOUZA, Tania C.C. Gestos de interpretação e olhar(es) nas fotos de Curt Nimuendajú: índios no Brasil. **Revista FSA**, v.10, p.287 - 301, 2013.

SOUZA, Tania C.C. Discurso e cinema: (i)materialidades discursivas e efeitos metafóricos. **CASA** (Araraquara), v.11, p.23 - 37, 2013a.

SOUZA, T. C. C. de. Perspectivas da análise do (in)visível: a arquitetura discursiva do não verbal. **RUA**, Campinas, SP, v. 24, n. 1, p. 17–35, 2018. Disponível em <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8652400>. Acesso em: 2 nov. 2022.

SOUZA, Tania C.C. **Três perspectivas na análise da imagem**. Palestra. Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Letras, Cascavel, PR: Unioeste, 2016

## ANEXO 1



Luiz Gasparetto entrevista João Teixeira de Faria em 1989, para o programa *Terceira Visão*, que ia ao ar na TV Bandeirantes. Dois anos antes, em 1987, o programa de Gasparetto havia sido um dos primeiros a mostrar em rede nacional os truques que o líder da Casa chamava de “cirurgias”.

Fonte: FELITTI, Chico. *A casa: A história da seita de João de Deus*. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2020.

## ANEXO 2



João no palco do Instituto Omega, centro esotérico que pagava para ter a exclusividade de sua presença nos Estados Unidos e que reunia até 1500 pessoas em encontros anuais, que ocorreram de 2007 a 2017. Depois de um desses encontros em Nova York, João de Deus foi secretamente com a família para a Disney.

**Fonte: FELITTI, Chico. A casa: A história da seita de João de Deus. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2020.**

### ANEXO 3



A apresentadora americana Oprah Winfrey entrevista João em 2012, embaixo de uma mangueira, no quintal da Casa. Ao lado dos dois, a intérprete e braço direito de João, Heather Cumming, traduz a conversa.

Abaixo, João de Deus com celebridades como Juliana Paes; a ex-atriz pornô britânica Gail Thackray (que virou guia da Casa); a apresentadora Luciana Gimenez; a modelo Naomi Campbell (em foto junto à última mulher de João, Ana Keyla, e sua filha bebê); em um camarote da Marquês de Sapucaí no Carnaval de 2018; com a atriz Mariana Ximenes; com o ator Marcos Frota e com o ex-jogador de futebol Ronaldo.

**Fonte: FELITTI, Chico. A casa: A história da seita de João de Deus. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2020.**

## ANEXO 4



Loja de cristais da Casa, onde um quilo de ametista custava mil reais, e que servia para lavagem de dinheiro, segundo um ex-tesoureiro da Casa.

Anúncio de pôsteres com desenhos de entidades que João afirmava incorporar, como o rei Salomão e os médicos José Valdivino, Augusto de Almeida e Oswaldo Cruz. Alguns dos personagens eram figuras históricas, e outros eram criados por João.

Cenas do comércio ao redor da Casa, onde estavam à venda medalhinhas, bolsas e panos de prato, sempre com o rosto de João de Deus.

Fonte: FELITTI, Chico. A casa: A história da seita de João de Deus. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2020.

## ANEXO 5



A Casa de Dom Inácio de Loyola. A partir dos anos 1990, João Teixeira de Faria passou a exigir que seus fiéis usassem roupas brancas, pois dizia que a cor facilitava o fluxo de energia. No mirante da Casa, de frente para um vale e por onde se espalhavam bancos de madeira, fiéis podiam mandar afixar corações de metal com seus nomes, contanto que fizessem doações de pelo menos 2 mil dólares.

**Fonte: FELITTI, Chico. A casa: A história da seita de João de Deus. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2020.**

## ANEXO 6



Fila para ficar alguns segundos na presença do curandeiro na Sala da Entidade, onde ele afirmava receber mais de trinta espíritos e dava expediente três dias por semana, em dois turnos de quatro horas cada.

Abaixo, a Sala de Troféus de João de Deus, onde ficavam próteses, bengalas e cadeiras de rodas de pacientes que ele afirmava ter curado, além de cartas de agradecimento de instituições como o Batalhão Humaitá da Marinha do Brasil, e títulos, como o de cidadão de Araraquara (SP).

**Fonte: FELITTI, Chico. A casa: A história da seita de João de Deus. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2020.**



## ANEXO 7



O líder místico faz “operação espiritual”, no começo da década de 1990. Faria afirmava que a operação espiritual, que ocorreria com seu toque ou apenas com a força da sua presença, era tão eficiente quanto as cirurgias convencionais. Abaixo, Ana Paula São Tiago, que em 2006 se mudou para Abadiânia com o pai, um procurador com câncer em estágio avançado no cérebro. Durante meses de convivência, ela foi estuprada por João Teixeira de Faria dezenas de vezes.

**Fonte: FELITTI, Chico. A casa: A história da seita de João de Deus. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2020.**

## ANEXO 8

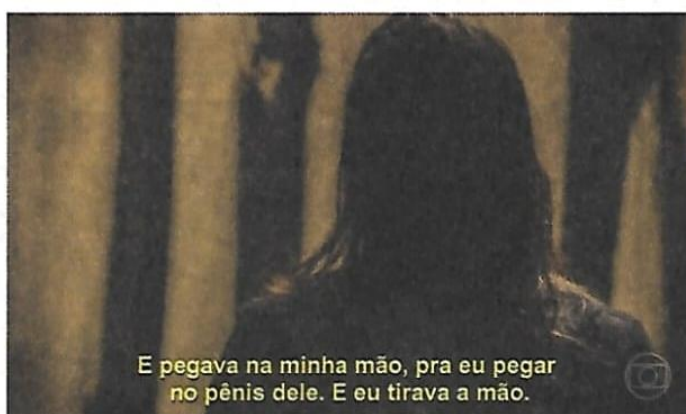


João de Deus diante de cartazes de *O silêncio é uma prece*, documentário que fiéis fizeram sobre ele em 2017.

Abaixo, com o diretor Candé Salles, a relações-públicas Edna Gomes e a apresentadora Cissa Guimarães na estreia do documentário sobre ele no Festival do Rio, em 14 de outubro de 2017. Candé dirigiu o filme, Edna escreveu o roteiro e Cissa narrou o longa, que depois dos escândalos foi tirado de cartaz.

**Fonte: FELITTI, Chico. A casa: A história da seita de João de Deus. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2020.**

## ANEXO 9



Cenas do *Conversa com Bial*, programa que em 7 de dezembro de 2018 entrevistou a coreógrafa holandesa Zahira Lieneke Mous, primeira vítima de assédio de João a vir a público denunciar os crimes em rede nacional. Nos dias seguintes, centenas de mulheres denunciariam o líder místico por crimes sexuais.

**Fonte: FELITTI, Chico. A casa: A história da seita de João de Deus. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2020.**

## ANEXO 10



Protestos a favor de João de Deus nas ruas de Lindo Horizonte.

Abaixo, a Sala de Espera da Casa esvaziada. Um ano após a prisão do líder místico, o número de visitantes cai de mil por dia para pouco mais de duas dúzias.

[na página seguinte] Letreiro em cima da entrada da Casa da Sopa, braço benemérito da Casa, inaugurado em 2005. O restaurante popular ocupava um prédio em frente à prefeitura, no centro de Abadiânia, de onde João havia sido enxotado décadas antes.

**Fonte: FELITTI, Chico. A casa: A história da seita de João de Deus. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2020.**